



o único lugar que existe

esta é uma pesquisa que habita o espaço híbrido em que terra, gente e bicho se encontram; talvez seja no tempo do sonho, quiçá no da vigília. ficção, realidade, ensaio, prosa, poesia, texto, imagem – do hibridismo nasce esse trabalho, e no hibridismo se desenrola. um corpo sente, pensa, inventa, fabula e apresenta o mundo; um corpo se estende em mundo, onde se inscreve e pelo qual se deixa ser inscrito – em plena simbiogênese.

definir ou explicar me parecem ações incoerentes ao campo da arte; a pesquisa que aqui desenvolvo, portanto, está mais interessada em experimentar e provocar experiência, do que em defender argumentos. uma visão mágica de mundo, vinculada a um pensamento ecofeminista e descolonial, traça meu percurso artístico e minha tentativa de reencantar a vida.

ficção; arte; feminismo; ensaio; experiência.



De manhã, o travesseiro amanheceu com um recôncavo revestido de terra. Bem em seu centro, onde eu repousara a cabeça durante a noite, estava um buraco recheado de terra marrom escura com minhocas passeando e arejando o pequeno terreno. Isso acontece toda vez em que acordo e sinto as pernas escorregadias, quando sai de minhas entranhas um líquido transparente oleado, resvaladiço, que faz caminho pelas coxas até que a gravidade o faça chegar ao lençol. Nessa noite, eu sonhei muito. Sonhar é viajar percorrendo distâncias, tempos e realidades impossíveis de serem atravessadas pelo corpo carne; são viagens não fotografáveis. Do que ficou no travesseiro, como sempre faço nessas manhãs, recolhi e levei para o pátio, entreguei a matéria a um espaço maior, ao chão do mundo. Não lavei a fronha, sei que amanhecerá viva de terra por alguns dias ainda.

Eu estava na varanda de uma casa de sítio, só que ao redor não era o sítio, e sim um campo vasto, com núcleos de mata esparsados. Eu, sozinha na varanda, enxergando com muita nitidez a uma distância que minha miopia, em outros momentos, não permitiria. Lá longe, estava um bicho preguiça agarrado a uma árvore, estava calmo até deixar de estar, bisões apareceram no horizonte, eles queriam atingir o bicho preguiça, que começou sua fuga nervosa passando de árvore a árvore. Mesmo que os bisões parecessem mais velozes, eles nunca alcançavam o bicho preguiça, que seguia escapando em sua velocidade comum, num constante esticar de braço para alçar a árvore seguinte, em um movimento aparentemente lento demais, mas incessante. E então o surgimento de mais bichos, eram leões, tartarugas, cavalos, pumas, onças, cobras, todos rumo à mesma direção, unindo-se aos bisões e à preguiça, que liderava. Não sei se estavam se perseguindo, ou se apenas avançavam juntos. Pensei que, ao fim, um comeria o outro, sem nem entender a cadeia que seria possível ali, mas me enganei. Chegaram todos à minha varanda e se deitaram. Eu não sabia se me enxergavam, mas cogitei estar em risco, então entrei na casa pela janela aberta. Todos os bichos na varanda, eu dentro de casa.

Depois de entregar terra à terra, fui ao banheiro para fazer xixi e lavar o rosto. Pela primeira vez, peguei uma colher e, com a lateral fina dela, raspei a superfície da minha língua, dessa raspagem saiu uma gosma branca. Fiz isso porque, recentemente, uma amiga me ensinou que o corpo expulsa toxinas durante o sono e que parte delas vão diretamente para a boca e repousam sobre a língua, por isso é importante raspá-la pela manhã, antes de engolir qualquer coisa. É uma prática que serve para finalizar o processo de desintoxicação natural do corpo e, assim, fortalecer a imunidade. Então, hoje, raspei a língua e gostei.

Comi uma banana e enchi uma bacia de grãos de milho, deixei o café passando e fui com a bacia para o pátio.

Eu já estava alimentando os patos quando percebi. Olhos curiosos, mas ainda receosos, espiavam por cima dos vidros semiabertos da caminhonete 4x4 que ia diminuindo a velocidade à medida em que chegava à frente da minha casa. Ficaram cerca de dois minutos pensando se desciam do carro ou não, decidiram descer, mas iniciaram esse movimento muito lentamente, como quem não tem certeza do que está fazendo, como quem mantém muito acessível o retorno, a desistência, como quem começa um caminho deixando a fuga preparada, sem saber que a fuga pelo retorno não existe. Enfim, chegaram ao meu portão, esses eram três jovens, um homem e duas mulheres, cabelos lisos presos em rabos de cavalo, roupas confortáveis um tanto amassadas, botas de trilha. Dessa vez, eu os convidei para entrar, é que hoje eu despertei extrovertida, querendo mostrar os dentes; eles aceitaram o convite, pisaram o chão do meu pátio. Ofereci

Café bolo biscoitos água banheiro cadeiras

Nada. Ficamos os quatro em pé no meio do pátio, eles falaram

do tempo das cachoeiras que visitaram sobre protetor solar da longa viagem de carro da cidade onde moravam de barulhos da minha cidade do silêncio

Eu falei

do tempo da entrada na mata pelos fundos do meu pátio do cachorro latindo da minha cidade de barulhos

Eu insisti café chá bolo biscoitos água banheiro cadeiras

Ok, então não, então voltem sempre, bom passeio

Não aceitaram minhas ofertas e não avançaram mais do que cinco passos portão adentro. No final da visita, seus olhos já haviam se desfeito em parte do receio inicial, já estavam com corpos menos rígidos; mas, como eu disse, apenas em parte. Como cavalos dóceis, ainda guardavam certa desconfiança, e, por isso, certa imprevisibilidade. O moço tirou uma foto minha, hoje eu não me importei. Quando viraram de costas para mim, encaminhando-se de volta ao carro, percebi que o homem portava uma faca enfiada nas calças, e que uma das mulheres tinha na bolsa uma pedra grande e bruta. Eu quase disse que eles não precisavam de nada disso, porque ali na minha casa, que, por opção, eles só conheceram os primeiros metros do quintal, havia inúmeras facas e facões e as mais diversas pedras espontaneamente espalhadas pelo pátio. Todavia eu não disse isso, dessa vez fui muito amável. Mesmo assim eles não ficaram mais do que quinze minutos.

Entendi, pelo pouco que me contaram, que a principal diferença entre a cidade onde vivo e a cidade onde eles vivem é a quantidade das coisas todas. Penso que se houvesse um outro *self service* no centro de Pedra, que não o de Seu Ataíde, não seria ruim.

Pedra, o município onde moro, é cercado de mata. A cidade é um furo na floresta, ou a floresta é o furo e a cidade um relevo, um despontar, uma verruga na pele do mundo. A casa que habito é afastada do centro, atrás dela há som e cheiro e cor de floresta. Veja bem, isso não significa que estou às margens, não mais, significa que estou no encontro.

No fim da manhã, eu saí para passear por Pedra, desde minha casa ao centro e vice-versa.



Uma raiz quebra o concreto e levanta as pedrinhas de uma calçada que tem lá seus quinhentos anos. Uma pequenina planta brota de uma fissura no muro, e a alguns metros de distância, no mesmo muro, uma rachadura maior abriga uma planta que já se agigantou. A maré enche até tomar o asfalto e molhar as pernas e rodas de bicicletas transeuntes no calçadão. Um choro escapa. Uma esquina amanheceu ocupada por um despacho. Entre fissuras, oscilações e piscadas de luz tudo transborda; imagens e palavras. Quem conta o que acontece bem ali nas rupturas? Acontecimentos às vezes pequenos às vezes efêmeros às vezes pouco perceptíveis, a magia é mesmo algo breve.

O poeta não sabia se devia lealdade à *tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora, ou à sensação de que tudo é um sonho, como coisa real por dentro.*

Penso que há uma profunda dificuldade humana em separar realidade e ficção. Da primeira, espera-se liberdade, sonho, quimera; da segunda, exige-se plausibilidade, verossimilhança. Talvez essa dificuldade seja um desejo do (im)possível, já que a fronteira é mesmo borrada, uma coisa atravessa a outra, separabilidade é uma ilusão. E tudo é tão natural quanto fabricado. Se digo isso é porque as palavras de Haraway ressoam em mim desde o primeiro texto que li dela. Viver é construir a vida, a existência se faz nos entrelaces do que é ficcional e do que é verdadeiro. Por isso o poder da imaginação, da criação, da ficção. Por isso a necessidade de tomar para si o direito a ficcionar, para interferir na vida, nas verdades impostas; refazê-las. Tomar a caneta que foi usada para me marcar e usá-la para marcar o mundo. Experimentar na afirmação da ficção uma afirmação da própria vida, a sua potência interventiva, seus impactos imaginativos. Reinventar mundo, palavra, mistura.

E isso não é uma esperança ilusória de transformar uma realidade inteira, mas sim de causar fissura, dúvida, possibilidade ou espanto, na mesma brevidade que tem a magia. Inventar vida como quem escreve poemas, sabendo que

Se poemas fossem capazes de mudar o mundo, não seriam poemas, mas máquinas. Sua força está em sua incapacidade, seu movimento instantâneo de dúvida, um deslocamento da pálpebra, uma ausência despercebida que vem se instalar na alma de forma mais duradoura. Os vencedores sabem disso e por isso nos odeiam e nos temem, porque conhecem o perigo dos mínimos deslocamentos.

escreveu Naomi Jaffe.

Eu sempre me senti transbordada por imagens e palavras
não existentes,
até entender
que elas já existiam.

Um poema sobre o próprio chão, onde piso. Um poema que faz esquecer o que é chão e o que é pé, um poema que ensina que o chão se move embaixo de um pé aparentemente estático. E, por conseguinte, ensina que estaticidade não existe. Esse poema é sobre o movimento do chão, que é vivo, como é o poema, vivo. Para ler esse poema, é necessário desarmar-se da pobre concepção filosófica que divide tudo em humano não-humano, ou natureza cultura, animado inanimado. O poema demonstra: há aqui um atravessamento, as palavras escritas entrecruzam o ar, a areia onde piso, o meu peito. O chão ainda se mexe quando estou aparentemente parada, lendo-o.

Da fotografia entendi que ela é e sempre foi um híbrido território entre documentário e ficção. Sua aparente similaridade com o mundo visível a olho nu, no início de sua história, fez com que ganhasse a condição de registro, documento, cópia da realidade. Hoje, já se sabe que, como dizia Sontag, uma fotografia é sempre um enquadramento, o que requer uma exclusão do que fica de fora dele. Além disso, a imagem não só depende da subjetividade de quem a fotografa, como da de quem a observa depois. Narrativas. Por isso é arte; envolve criação, autoria, relação.

Isso me faz pensar que, mesmo não sendo cópia fiel do mundo, ela é mesmo parecida com a vida. Porque da vida vivida, também entendi ser ela um campo híbrido entre o que é real e o que é fictício. Categorizações do que se vê no mundo são como fotografias: enquadramento, exclusão, autor, observador; narrativas. Há quem veja e descreva o mundo; há quem seja visto e descrito; há quem apresente a realidade e há outros tantos que a aceitam e a reproduzem. Haraway já expunha, é tudo tão fabricado quanto natural. Sou uma mulher, até isso é ficção. Por isso ela defende que nós, as “outras” diante de quem definiu mundo, tomemos o direito de falar, ver, ficcionar, escrever. Desde essa perspectiva, existir ganha caráter artístico, assim como a fotografia ganhou conforme foi sendo compreendida.

É mais ou menos assim que penso;

da afirmação da ficção à afirmação da própria vida, uma potência interventiva.



terra-mulher-bicho, uma história entrelaçada.

Reconhecer o entrelace talvez seja um lugar por onde começar.

há uma associação entre mulheres, natureza e animais, tramada por meio de paralelos históricos, culturais e simbólicos em suas explorações e opressões. É um vínculo desvalorizador e não intrínseco, construído pelo patriarcado. Vínculo rascante, que me oprime, mas que também me acende uma luz em algum lugar. Me oprime, mas torna o terreno em que habito vivo e povoado, me faz não sozinha, me torna acompanhada.

será que você sabia do entrelace? eu acho que você, em alguma instância, sabia. você sensível, você amiga dos bichos e das plantas, você sabia. talvez o simples fato de você ter vivido o mundo como mulher já lhe fazia tocar esse entrelace, mesmo que inconscientemente.

seus pés 35 e os meus pés 26 caminhavam lado a lado no elo terramulherbicho.

Isso lhe parece bonito? Não é muito, na verdade. Acho que esse lugar por onde começar, que é o da percepção do entrelace, abarca susto e tragédia. Se nos entrelaçamos em terramulherbicho, é por estarmos juntas no lado desvalorizado das bipartições hierárquicas sobre as quais se estrutura a sociedade ocidental-patriarcal-capitalista. Assim considera o pensamento ecofeminista, que se subdivide em diversas frentes, mas que tem como fio condutor o reconhecimento de uma associação entre a desvalorização da mulher e a da natureza.

Cultura/natureza, consciente/inconsciente, autônomo/dependente, racional/irracional, bom/mau, sagrado/profano, ativo/passivo masculino/feminino:

são alguns dos dualismos recorrentes na visão dicotômica de mundo, citados por Martin Kheel. Ela observa que, de um lado, está aquilo que é supostamente transcendente à terra e, do outro, aquilo que pertence ao mundo material mais modesto. Maria Mies e Vandana Shiva reconhecem que essa perspectiva dicotômica da realidade, na qual as partes opostas são compreendidas de maneira hierárquica, é o princípio da epistemologia colonizadora, em que vigora o domínio da mulher pelo homem e da natureza pela humanidade. De um lado, o evoluído, próspero e sempre em progresso, às custas do outro lado, que é rudimentar e arcaico. Tenho certeza de que você já entendeu de que lado estamos nesse modelo de mundo. A natureza subordinada ao homem, a mulher ao homem, o animal ao homem. Pois como propõe Kheel, mulheres, animais e natureza estão associados ao que é mau, irracional e selvagem, e essa associação serve de justificativa para que sejamos, terramulherbicho, conquistadas e dominadas pela força masculina.

É por um ecofeminismo animalista que Kheel reivindica, e a essa perspectiva eu me irmano. Acho que você também se irmanaria. Lembro disso: um vizinho caçou uma marreca-piadeira no banhado e a colocou empalhada em cima de um móvel da sala dele, como se fosse um troféu. Você achou de muito mau gosto; “pobre bichinho”, você disse. Era a coisa mais horrível do mundo, “para quê?” você se perguntou, em voz alta. Você não foi nenhum tipo de militante em defesa dos animais frente às mais diversas formas de exploração às quais eles estão submetidos, mas as lembranças nas quais você vive em minha memória me fazem crer que havia alguma sensibilidade aí, sei que sim. Juntas, cuidávamos de besouros, mariposas, formigas, aranhas. O pátio da nossa casa era frequentado por uma infinidade de gatos, porque nós dávamos

alimentos, água e carinho para eles, que nos alegravam sendo belos e ariscos. Sim, nós éramos amigas de todos os gatos daquela rua e vizinhança.

Sabe, percebo que essas lembranças podem apontar algo sobre uma hipocrisia muito comum à humanidade – cuidar de certos animais, enquanto se assassina e se explora outros -, mas também me parece denotar que nossas ações são pautadas na ignorância, no não conhecimento do entrelace. A intuição me certifica de que você não foi uma ecofeminista animalista porque você não chegou a se conscientizar propriamente sobre o entrelace. Por isso, penso, perceber o entrelace, o doloroso entrelace, é o único ponto de partida possível para escaparmos de um comportamento potencialmente hipócrita ou ilusoriamente “salvador” dos “pobres bichinhos” ou da “natureza”. Assim, reconhecer o entrelace é, também, um ponto de partida para escapar das hierarquias.

Fazer desse entrelace uma aliança consciente talvez seja um lugar por onde continuar.

Veja, você repugnava as touradas, os rodeios, as brigas de galo, as caças e o vizinho caçador. Kheel defende que justamente nessas práticas, e na representação de mulheres na pornografia, por exemplo, pode ser vista a reconstituição da conquista da humanidade sobre os animais e dos homens sobre as mulheres, transfigurada em fonte de entretenimento. Bem, o domínio sobre terramulherbicho se repercute em lazer, reafirmando os lugares instaurados na ordem dicotômica. Você e sua desafeição pelo vizinho, marcadas em minha memória, comprovam que uma percepção inconsciente do entrelace já lhe atravessava e provocava. Escrevo porque, além de sentir saudade, também sinto que poderíamos compartilhar de uma concepção ecofeminista animalista de mundo.

É triste e trágico, eu sei. E agora você sabe. No entanto, passado o susto da percepção do entrelace, o caminho a seguir pode ser, como eu disse, povoado e vivo. Terramulherbicho é um terreno/encontro que vibra. Reivindicar as alianças possíveis desde dentro desse elo é hibridizar-se em uma força que emerge de nossas heterogeneidades. Perceber o entrelace é começo de uma via que escapa do lado desvalorizado da dicotomia e que escapa da dicotomia em si. Convido; habitar o entrelace como quem deixa de negá-lo e se hibridiza em união de forças. O entrelace é o próprio hibridismo. E isso é interessante porque, notados os atravessamentos que nos constituem e à sociedade como um todo, o hibridismo é, talvez, o único lugar que existe. O hibridismo, que poderia, também, chamar-se do que Preciado, em Um Apartamento em Urano, nomeia como encruzilhada, quando enuncia:

(...) E vou ficar um pouco. Na encruzilhada. Porque ela é o único lugar que existe. Não existem margens opostas. Estamos todos na encruzilhada. E é dessa encruzilhada que vos falo, como monstro que aprendeu a linguagem dos homens.

no elo terramulherbicho, sinto meus pés - que agora são 35, como foram os seus - fincarem o mundo, esse mundo adubado pela sua carne. Assim te encontro. Aprecio e honro sua companhia, em matéria que se refaz na terra e em (i)materialidade que me constitui.



No percurso das primeiras duas quadras de passeio, cenas:

Duas visitas-surpresa adentraram o jardim de uma família despreparada. O dono da casa trouxe da cozinha um bule de café e um prato recoberto por biscoitos amanteigados – foram as únicas coisas que encontrou na despensa para oferecer. O visitante nº1 estendeu a mão com os dedos em formato de pinça; mas, antes de alcançar o biscoito que buscava, a jovem filha do dono da casa puxou o prato para si:

- Esses biscoitos amanteigados são meus, e eu vou comê-los à noite.

Em outro jardim, um homem sobre terra. Juro que vi isso. Ele chegou ao jardim, arriou as calças e fodeu a terra. Mãos firmes pegando grama e ervas daninhas, puxando, arrancando, ele metendo, gemendo, o verde se desfazendo, uma bagunça nesse solo, as minhocas fugindo por seus túneis subterrâneos. Mais longe, mais longe, as minhocas quase alcançavam o núcleo terrestre, não há nada de atraente em um peru rosa, elas escaparam. O homem foi embora, o solo ficou ali todo retorcido.

Um grupo de crianças brincava ao redor de um cavalo marrom. O menino desavisado passou por trás do grande animal e levou um coice na lateral do corpo. Essa é uma regra:

por mais manso que seja, por mais habituado a andar na cidade e a conviver com humanos, por mais domesticado e dado que o cavalo pareça ser, e por mais confiança que você tenha nele, jamais passe por trás dele. Há sempre o risco de tomar um coice, movimento de defesa muito natural e instintivo desse animal. Os cavalos guardam certa desconfiança por toda a vida, eles nunca se entregam por inteiro; um cavalo domesticado não deixa de ser selvagem. Cavalos são lembretes.

toda vez que uma mulher se recusa a entregar mais um pedaço de si, um cavalo dá um coice num homem branco e uma jaqueira desprende uma jaca em cima do capô de um carro.

É que;

Nos fios do entrelace há uma história esquecida, a qual foi resgatada por Silvia Federici em *O Calibã e a Bruxa*. É a história das mulheres, dos bichos e da terra na construção do modo de vida que hoje vigora. Apesar de não ser propriamente uma ecofeminista, Federici, ao retomar essa história esquecida nos furos da teoria marxista, evidencia o elo entre mulheres, natureza e animais, contribuindo imensamente para as discussões do ecofeminismo.

Quando o mundo já era mundo mas não era O mundo [globalizadocapitalista], ele era encantado. Para chegarmos aqui, foi necessário desencantá-lo.

Segundo Federici, a caça às bruxas, aproximadamente três séculos de perseguição e assassinato de mulheres, constitui um fenômeno primário no processo de desencantamento do mundo, ou, em outras palavras, no surgimento e consolidação do sistema capitalista – um modo de vida extrativista e de hierarquia nas relações. Isso significa que a caça foi, sobretudo, um meio de disciplinar toda uma sociedade para a implementação do capitalismo.

Talvez tenha sido nesse período que terra-mulher-bicho passamos a compartilhar o mesmo terreno. Segundo Federici, manuais inquisitórios, acusações e relatos sobre as bruxas traziam narrativas em que essas mulheres viviam em aliança com os animais. Propagava-se que elas se metamorfoseavam em bichos, contavam com a ajuda deles para praticar crimes, voavam até o sabá montadas em cabras e éguas aladas [o que me parece bem divertido, eu participaria dessa festa]. Entretanto, essa assimilação das mulheres com os bichos, em relação de cooperação e aliança, era uma jogada narrativa que as colocava na antítese dos valores que vinham ganhando força na época. Na “era da razão”, dissociava-se cada vez mais o humano do corpóreo, valorizando-se uma natureza humana identificada com seus aspectos imateriais. Nesse contexto, os animais, desprovidos de razão, eram considerados seres inferiores, meras “bestas”; “o outro” frente ao sujeito-homem-branco. A presença deles no narrado e hiperbólico mundo das bruxas não era por acaso, mas para que a companhia de um para o outro contribuísse em ambas as desqualificações.

Além disso, as mulheres acusadas de bruxaria eram, frequentemente, curandeiras, feiticeiras, encantadoras e adivinhas. Ou seja, compartilhavam de uma visão animista da natureza, na qual matéria e espírito não se separam, e o cosmos é interpretado como um organismo vivo, pleno de imprevisibilidades e forças ocultas. Cada elemento – as ervas, as plantas, os metais, o próprio corpo – tem poder. Num contexto de perda das pequenas posses, a magia representava ainda para as classes baixas um instrumento de resistência ao poder, pois injetava certo ânimo e confiança nas capacidades de se confabular e manipular o ambiente natural e social, e de, conseqüentemente, subverter a ordem.

A aliança com ervas e plantas também aparecia no controle da natalidade, já que as bruxas eram conhecedoras das plantas abortivas ou fertilizantes e usavam-nas para esse fim. Além disso, os saberes a respeito dos próprios corpos e dos seus ciclos de fertilidade, conhecimentos transmitidos de geração a geração, também contribuía para que elas tivessem certo controle sobre a reprodução. Provavelmente, como Federici aponta, nesse fato está a origem das acusações de que as bruxas eram assassinas de crianças.

Parece que o crime da mulher-bruxa foi ser perigosa por exercer uma sexualidade não investida no trabalho reprodutivo e uma relação de cooperação com a natureza, e não de domínio. A visão mágica de mundo, além de motivar a classe baixa a se rebelar, era incompatível com a mecanização da vida, com a conversão do corpo em corpo-máquina e da natureza em recurso, operações necessárias para fazer vigorar o modo de vida e de trabalho capitalista. O domínio que essas mulheres exerciam sobre os próprios corpos ameaçava as ambições de uma sociedade que pretendia se refazer pós queda demográfica, e que, mais ainda, desejava mão de obra, corpos, trabalho. Para legitimar o massacre, foi necessário colocá-las em pé de igualdade com os animais, acusando-as de, inclusive, copular com eles – a besta, a representação da inferioridade -, crime mais ultrajante possível, capaz de virar uma sociedade inteira contra elas.

Segundo Federici, um amplo uso de propaganda multimídia cumpriu o papel de criar a ideia depreciativa da mulher “naturalmente” perversa, má, bestial e alertar todo o povo sobre os perigos disso. Como efeito, ao mesmo tempo em que se fundava e se desvalorizava um feminino proibido, se originava e enobrecia, conseqüentemente, o oposto dele, o feminino que viria a se tornar o ideal: a mulher “naturalmente” dócil, maternal, submissa.

terra-mulher-bicho / resgatar uma história pode ser interessante

a bruxa, em aliança com plantas e animais, ameaçava o advento de um sistema que hoje ceifa vida. seu espectro figura a antítese dos valores sustentadores do patriarcado-capitalista; há algo de potente aí.

A magia mata a indústria. Lamentou Francis Bacon. **E isso não soa como uma estratégia?**

No centro de Pedra há mercadinhos, fruteiras, lanchonetes-botecos, um restaurante self-service, duas danceterias fechadas, uma molduraria, costurarias, uma loja-de-cacarecos-em-geral, floriculturas, um açougue. A maior parte do comércio se encontra na avenida principal, mas também há um ou outro estabelecimento em algumas ruelas que desembocam nessa avenida.

Uma mulher de calça vermelha e blusa verde caminhou de um mercadinho a outro e depois até as fruteiras. Buscava tâmaras medjool, ela chamava de “tâmaras carnudas”. Não encontrava em nenhum lugar dessa cidade, nem da carnuda, nem da menos carnuda. Uma tamareira, naturalmente, demora cerca de cem anos para gerar os primeiros frutos, já uma tamareira, hoje, plantada com toda tecnologia disponível, demora uns dez, segundo o senhorzinho que a atendeu na fruteira. De qualquer forma, a mulher não encontrou as tâmaras. Não sei se a escassez é por não termos Tamareiras por perto, ou se é o caso de todo mundo já ter comido o que tinha e não ter sobrado nada para ela.

Um homem calvo sentou-se no Bar do Ataíde, que é o único restaurante self-service da cidade. Ele pediu uma cerveja, bebeu a cerveja. Ainda eram dez horas da manhã e o buffet de almoço só sairia às onze e meia. Ele esperou bebendo, porque ficar bêbado reduziria sua sensibilidade, e para comer o feijão desse bar onde estava, é necessário estar com os sentidos menos atentos. Não se sabe por quanto tempo seu Ataíde, dono do estabelecimento, reaproveita uma única panelada de feijão, mas é tempo suficiente para ficar azedo e para ser necessário embriagar-se para comê-lo. O homem calvo já caminhava entortando as pernas quando se levantou para ir até o buffet, finalmente servido; nesse momento já havia tomado tanta cerveja que provavelmente nem estava com fome, mas comeu mesmo assim.

Mãe e filha saíram da sorveteria, cada uma com uma casquinha. O sorvete da mãe era branco, parecia ser de abacaxi ou de creme. O da filha era rosa e azul, parecia ser desses que chamam de *tutti frutti*: todas as frutas, em italiano. Me perguntei se tâmaras compõem esse sabor.

Um carro vermelho do tipo caminhonete passou devagar pela rua principal, cinco pessoas estavam dentro dele, evidentemente não eram moradores de Pedra. Em frente ao mercado, em frente ao açougue, em frente às casas, em frente à fruteira, em frente ao Bar do Ataíde e... pararam o carro. Tem almoço aí? Tem. Desceram do carro, suas roupas amassadas denunciavam que eles estavam há um bom tempo ali dentro sentados. Pediram cerveja, mas não beberam o suficiente para tornar imperceptível o gosto azedo do feijão, e já se serviram de comida. O feijão, como era de se esperar, estava mesmo azedo, e eles o deixaram de lado no prato. Seu Ataíde ama visitantes, conversa com eles e quase sempre os convence de que há o que fazer em Pedra, que aqui não é só um lugar de passagem. Que fiquem mais um pouco, que deem um passeio. A mata que contorna a cidade é fechada, mas aqui há outras curiosidades naturais. Seu Ataíde apontou um endereço para eles.

O vale é vivo. Muito vivo. Animais selvagens ferozes e mansos correm pelo vale. No centro do vale, há uma centena de buracos de cobra. Um vale cujo som pode ser ouvido de fora, um vale emocionado que enuncia palavras, ora de raiva, ora de amor, ora de alegria, ora de tédio, ora de tristeza. Um vale expressivo, muito rico em vida. Desejoso.

Deixaram quebrar um espelho bem em frente à molduraria. Deviam estar chegando para mandar emoldurá-lo quando, pum, caiu no chão, espatifou-se. Cacos afiados e perigosos ficaram espalhados pela calçada, me enxerguei através deles, em fragmentos. Em alguns pedaços, a luz do sol refletida fazia doer os olhos. Do outro lado da rua, a loja de tapetes estava vazia, e sua vitrine anunciava várias promoções.

Já faz alguns meses que uma dona de casa comentou, pela primeira vez, que o tapete da sala de sua casa havia amanhecido desfeito. Depois disso, outras pessoas foram relatando o mesmo acontecimento em suas residências, e esses casos só aumentam desde então. Descobriu-se que esse fenômeno decorre da ação de um inseto misterioso e notívago, que vem se reproduzindo como praga em Pedra. Ele some completamente durante o dia e age somente à noite. Ao invés de passar a noite buscando restos de comida que ficam pela pia, louças e fogão, como fazem outros insetos de hábitos noturnos, esse costuma aparecer na sala das casas. Na escuridão da noite, ele passa seu tempo desfazendo tapetes. Aparentemente, ele escolhe um único fio e o puxa até que se desenrede toda a tapeçaria que decora e conforta a sala da casa.

O dono da loja de tapetes está desesperado, com medo de que o tal inseto ataque sua mercadoria. Ele espalhou tantas naftalinas pelo estabelecimento, que nem mesmo humanos querem respirar lá dentro agora. E ainda que quisessem, eu desconfio que ninguém em Pedra investiria em tapetes hoje. Quem compraria um tapete sabendo que em dias ele seria desfeito?

Às vezes, brinco com meu corpo. Com meus relevos atípicos. Deitada na cama, preencho de água o espaço entre montanhas da minha barriga. Então, com minhas mãos também atípicas e montanhosas, vou atravessando esse lago formado, criando divisórias, armadilhas, caminhos. Coloco humaninhos de plástico mergulhados nadando, e também animais. E uns ficam de fora olhando. Uns só molham os pés. Uns trilham desde meu ombro até a poça na barriga.



O feminismo não é um humanismo, diz Preciado.

O corpo humano do humanismo é o soberano macho branco heterossexual saudável, dotado de órgãos e de capital, de gestos e desejos.

Não brancos e mulheres não se enquadram na categoria humanista de corpo humano, são “reduzidos” ao estatuto de animais e, com estes, compartilham o estatuto de máquinas (re)produtoras. Para Preciado, trabalho escravo, trabalho sexual e reprodutivo, e trabalho animal foram as três primeiras máquinas da revolução industrial.

Não brancos, mulheres e bichos habitam o mesmo terreno. Eu adicionaria aqui um quarto elemento, a natureza, que é chão desse terreno compartilhado e também, viva, é companhia. Desintegrada de si e explorada como mero recurso gratuito, descrita por Francis Bacon como “a grande máquina”, a natureza também é capturada pelo estatuto de máquina (re)produtora

Portanto,

genteterrabicho

vínculo desvalorizador construído pelas narrativas brancas patriarcais. vínculo rascante. que me oprime, mas também me torna acompanhada, preenchendo de vida o terreno que habito. me parece que tornar esse vínculo uma aliança consciente, além de ponto de partida, é caminho.

porque os fios se enredam e não há como desemaranhar um sem desemaranhar todos. se exploração nos conecta; a libertação só pode ser também conjunta.

O feminismo é um animalismo, ou o animalismo é um feminismo expandido não antropocêntrico, conclui e propõe Preciado.

e este é um lembrete para encorajar:

Só posso atravessar fronteiras montada num cavalo, se for um acordo e não uma imposição.

As narrativas hiperbólicas em torno das práticas de bruxaria entoam não só um feminino, mas também todo um modo de existir, desviante, que escapa aos valores da sociedade extrativista hierárquica assassina de devires outros. Se as relações entre mulheres e animais - em formato de familiaridade, cooperação e horizontalidade - eram seguidamente narradas como um aspecto diabólico da vida das bruxas,

trair os ideais humanistas, que só me permitem humana se dócil e submissa, deve passar por

afirmar-me bicho, afirmar-me irmã de

gatos cachorros lebres sapos aranhas girafas cavalos ursos lagartos vacas peixes onças focas elefantes leões ratos baleias tatus caranguejos javalis capivaras patos galinhas leopardos jacarés

e essa autoafirmação me conduz a uma existência – e existir é político – que me permite coabitar o mundo, me permite viver relações de familiaridade com a terra e com todos os seres. e por isso me permite encarnar a ameaça que esse tipo de existência simboliza para a hegemonia opressora, que aposta nas hierarquias e dominações para sua perpetuação.

Só posso atravessar fronteiras montada num cavalo, se for um acordo e não uma imposição.

Há apenas duas escolas em Pedra, e eu estudei nesta. Na minha época, as paredes eram amarelas, hoje estão pintadas de branco, no entanto estão cinzas por conta da sujeira. É uma casa retangular de dois andares, sem nada de protuberante em sua arquitetura, até parece um pequeno prédio, mas é uma casa ainda assim. Por dentro, os corredores poderiam deixar alguém em dúvida se está dentro de uma escola ou de um hospital, ainda mais agora que tudo é branco.

Quando eu era criança e frequentava essa escola, a professora levou minha turma de sala de aula para visitar um zoológico. Era um passeio para, finalmente, conhecermos pessoalmente aqueles seres que ilustravam nossos livros de ciências naturais. Lembro de me sentir animadíssima por esse evento, de acordar cedo, de preparar uma câmera fotográfica, colocar um filme novo nela, de brincar, durante o trajeto, com os colegas dentro do ônibus que nos levou até lá.

No zoológico, tigres zebras leões onças búfalos capivaras cobras tartarugas macacos elefantes hipopótamos aves e lagartos, e quem mais eu não estiver lembrando, em seus viveiros e jaulas.

Em um certo momento, deixei meus olhos se perderem na visão de uma zebra, e, quando me dei conta, eu estava sem meus colegas, a turma havia seguido o passeio sem mim. Eu e a zebra, ali, duas sozinhas. Me perceber só me entristeceu, e me perceber, então, não só, mas acompanhada de um animal desconhecido, me amedrontou, senti vontade de chorar. Mas eu não chorei. Eu havia lido recentemente algo sobre reação espelho, sobre bocejar depois que o outro boceja, e pensei, nessa hora em que minhas lágrimas iam brotando dentro de mim, que se eu chorasse faria a zebra chorar, e que os bichos todos ali tinham muitas lágrimas para derramar, mas que não faziam isso em público. Para respeitá-los, eu não chorei. Guardáramos todos o choro para molhar a fronha do travesseiro mais tarde. Esse foi um acordo silencioso que fizemos.

Há momentos em que é melhor não demonstrar vulnerabilidade, e ser um bicho no zoológico deve ser um deles, assim como ser uma humana em meio ao zoológico também deve ser. Em nossas individualidades, demonstrar ali certa confiança, certa força, agir dentro dos nossos papéis, eu-humana-destemida, eles-selvagens-destemidos. Para que chorar? Foi o que concluí na ocasião, enquanto bloqueava a saída das lágrimas que se acumulavam por detrás dos olhos, até ser tranquilizada pelo som da voz da professora me chamando pelo nome; ela me encontrou, ainda bem.

O passeio foi interessante de alguma forma, embora sem atender às minhas altas expectativas, eu acabei não gastando nenhuma pose do novo rolo de filme fotográfico que havia colocado na câmera, especialmente para aquela ocasião. E nunca mais na vida quis voltar a um zoológico.

Entre a casa ao lado da escola e a casa seguinte, há um terreno baldio, cujo mato, ceifado muito recentemente, está tão baixinho, que eu descreveria como mirrado e triste. Antes disso, ele estava grande, viçoso, bonito, seu volume com certeza conferia certa privacidade aos moradores das casas que separa, já que criava barreira entre as janelas. De qualquer forma, aparentemente, esses moradores preferem se enxergar em suas intimidades a manter o mato crescendo desordenadamente. Quando cheio, esse mato se preenche de bichos praga escuridão e incerteza, e esse é o motivo que faz os moradores cortarem-no. O que me instiga é que, ao invés de manterem um manejo constante e menos agressivo ao que cresce no terreno, há anos mantém-se o revezamento: primeiro, deixar espalhar tudo crescer tudo tomar tudo, segundo, cortar tudo. Não há diálogo. Fora os pequenos macacos que se evadiram de vez, outros bichos seguem reaparecendo pouco tempo depois das podas; os festeiros e noturnos gambás, ratos e insetos malquistos nunca abriram mão desse espaço.

Sem muito conhecimento do tipo científico, observo essa mata crescer. Sei que cresce, que não passa um dia sem crescer, e isso agora já não me interessa, porque está dado. Mas me pergunto, diante dela, que está triste e mirrada, quando será o novo corte. Até que ponto os vizinhos suportam se enxergarem e até a que ponto suportam não se enxergarem. Eu vou medir essa mata todos os dias para saber se é sua altura que define a hora da poda, ou se é o tempo, ou se são os bichos. Eu quero saber até onde isso chega, em que momento decidirão ceifá-la novamente.

Às vezes, brinco com meu próprio corpo, planejando coisas. Apoio pequenos bonecos de plástico nele e finjo que estão fazendo uma trilha nas montanhas. E aí me mexo, como uma montanha que anda. Imagino uma montanha que escuta. Imagino. Uma montanha sensível. Uma montanha que não gostou. Sacudo meu corpo-montanha e saio correndo, deixando os trilheiros de plástico caídos numa planície vazia.



o puxar de um único fio pode desenredar todo um tapete? Para Mignolo, o ponto de partida da revolução colonial foi o ato de implantar o conceito ocidental de natureza, em que ela é exterior ao sujeito humano, e descartar o conceito aimará e quichua de *pachamama*, o qual entende que a natureza abriga o sujeito humano, em integração. Segundo Mignolo, uma vez que o conceito ocidental de natureza foi estabelecido, reestruturando a relação dos humanos com a natureza, também o conceito de trabalho mudou. Se antes a condição para trabalhar era estar vivo/a; depois era preciso trabalhar para viver. Vida humana virou mercadoria, seja no trabalho escravo ou no trabalho assalariado. É a questão da mecanização do corpo, convertido em corpo-máquina, e da natureza, convertida em recurso, em objeto material inerte e disponível incondicionalmente para a produção humana. Entendo que esse processo inicial do colonialismo/colonialidade descrito por Mignolo corresponde ao processo de desencantamento do mundo que Federici descreve em *O Calibã e a Bruxa*. Da mesma forma que hereges e bruxas tiveram seus modos de vida deslegitimados na Europa, os povos colonizados que não corroboravam com a visão ocidental extrativista do mundo e do corpo, também sofreram com a deslegitimação.

Parece que

raça, etnia, nacionalidade, gênero, sexo, classe, espécie

são fios que se enredam em um nó quase cego no enredo naturezacultura.

E que puxar com atenção e cuidado um único fio pode e deve desfazer a tapeçaria inteira. Imagino que esses fios expostos despelem um infinito de palavras e contos e fábulas e poesias e histórias que o enredar da tapeçaria disfarça e oculta.

A percepção da natureza como essa fonte aberta e inesgotável de recurso para a manutenção da vida humana está paralela à percepção da mulher, como fonte aberta e inesgotável de reprodução e manutenção de vida. Maria Mies diz que o trabalho do cuidado e os recursos naturais são comparáveis, já que ambos tornam possível o acúmulo capitalista e são âmbitos invisibilizados e considerados gratuitos no sistema econômico. Federici tem uma fala emblemática: *o que eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não pago*.

Lauro é um morador de Pedra e é dono de um dos maiores sítios que há aqui. Um homem de estrutura pequena, baixo, sua cabeça é semicoberta por cabelo ralo, seus olhos, desproporcionalmente grandes para o rosto, são bonitos, expressam curiosidade em tudo. Ele anda mancando, pois uma de suas pernas é mecânica, de cor prata, reflete a luz do sol enquanto ele caminha pelo campo. Apaixonado por cavalos, correm vários por suas terras.

Aprendi com ele que um cavalo domesticado não pode deixar de ter essa domesticação reforçada diariamente, pois mesmo um cavalo dos mais obedientes retoma os hábitos selvagens quando solto no campo por muito tempo. Não afirmar frequentemente a relação de domínio que existe entre dono e cavalo dificultará o contato com o animal, que pode deixar de atender os comandos do homem. Eu vi a cena que comprova isso.

Eram três cavalos marrons soltos em um campo vasto, logo entendi que esses três viviam um tempo de liberdade, que há meses não recebiam ordens e reforços comportamentais. Lauro queria buscar um deles, e, montado num quarto cavalo, adentrou o campo onde estavam esses três. Chegou de manso, desceu do animal que o levava, e tentou um contato, estendeu a mão, não obteve sucesso. Aproximou-se lentamente e os três se afastaram dando passos para trás. Pegou uma corda para tentar laçar um pelo pescoço, não conseguiu, nessa hora os cavalos já caminhavam mais rápido para longe de Lauro. Então, Lauro montou novamente no cavalo obediente, no qual entrara montado, e cavalgou em direção aos outros três. Muita correria, iniciou-se uma perseguição.

Topete crina no alto e para trás, no pelo do corpo o reflexo do sol, as pernas direitas no ar e então as esquerdas também e então o breve momento em que quatro patas estão no ar, o cavalo voa por menos de um segundo, sua crina e seu topete baixam e já se levantam de novo e então baixam. E se levantam. Numa repetição que se diferencia a cada trote.

Nessa cena, recortada do resto do contexto, eram três cavalos correndo. Reajuste o zoom da minha visão e deixei tudo mais amplo, no plano aberto eram três cavalos correndo livremente e mais outro montado e guiado pelo homem, e essa perseguição já tinha onde terminar. A saída desse campo, que é vasto, mas não é o mundo, é uma armadilha, encaminha os bichos para o estábulo. Ou seja, prevendo a desdomesticação dos cavalos, já existe de antemão uma armadilha para recolocá-los em seu lugar. Lauro os direcionou para essa emboscada, e fim de cena. Com os cavalos presos nesse local menor, já era possível uma retomada, então Lauro passou a corda no pescoço do bicho que buscava, levou-o para frente de sua casa, e ali emprestou o cavalo para um amigo cavalgar.

Eu vi tudo de longe, através de uma janela no topo da casa, utilizando os binóculos que Lauro me emprestou para que eu comprovasse o comportamento que ele havia descrito para mim. Pela visão privilegiada que me foi concedida para assistir a tudo, me questionei um pouco sobre a teatralidade envolvida. A luz alaranjada que iluminava minha visão me fez saber que já era hora do sol poente.









Partindo de gênero como categoria de análise, o pensamento ecofeminista entende que toda a opressão funciona sob a mesma lógica de dominação, a qual tem como base um entendimento de mundo estruturado em dualismos de valor hierarquicamente organizados. Preciado diz que gente e bicho (mulheres, não brancos e animais) se vinculam ao compartilharem o estatuto de máquinas reprodutoras. Desde uma perspectiva ecofeminista animalista, pode-se dizer que isso acontece porque gente e bicho situam-se no lado desvalorizado da dicotomia, em que habita toda a existência que desvia do modelo “humano”.

Assim, aponta Daniele Rosendo, o ecofeminismo animalista compreende que superar uma opressão requer superar a lógica de domínio que vigora por trás dela e legitima todas as demais opressões, incluindo animais. Considero essa uma concepção especialmente interessante porque ela parece empenhada no rompimento de hierarquias de valores - se a mesma lógica nos oprime, lutar por sua desconstrução deve ser operação conjunta, então torna-se plausível e sensato que diferentes campos de luta cooperem. Na prática, como ressalta Rosendo, é evidente que nem todas as pessoas se identificarão com todas as pautas – antirracista, feminista, antiespecista, ambientalista, LGBTQIAP+, etc –, por questões de identidade e representação, mas no momento em que nos percebemos em entrelace, ao menos, não cairemos no erro de diminuir ou deslegitimar pauta(s) ao legitimar e lutar por outra(s), e isso, em si, já é gesto colaborativo. Escapa-se de qualquer hierarquia que possa engolfar nossas lutas, assume-se colaboração: uma operação fiel ao desejo de não mais corroborar com um mundo que nos mata, e de urdir outro(s). Nesse percurso, a ideia de simbiose como princípio vital, para a qual Shiva e Mies nos convocam, ao incitar a necessidade de uma nova cosmologia, ressoa como patuá.

Um lembrete: mais que dismantelar hierarquia, é necessário dismantelar a própria estrutura dualista. Um ecofeminismo *queer* reencanta mundo soprando possibilidades de fluidez e trânsito. Se no esquema dicotômico os grupos de identidades oprimidas são desvalorizados por serem supostamente mais próximos à “natureza”, Greta Gaard sublinha que a sexualidade *queer* é menosprezada justamente por contrariar o que se entende por “natureza”. Isso demonstra a incoerência do sistema dual, tão homogeneizante quanto impossível. Assim, desafiando as imagens tradicionais do que é ser homem, mulher, natureza, a sexualidade *queer* dismantela a fixidez das categorias estabelecidas. Por não caberem no dualismo, qualidades como flexibilidade, fluidez, trânsito, pluralidade, são potentes no enfrentamento ao patriarcado; honrá-las é ato de conjuração. O reconhecimento da heterogeneidade e da pluralidade enquanto potências vitais talvez seja exatamente o que nos faz transmutar em feras.

Conscientemente, tornar-se cada vez menos cabível às dicotomias patriarcais ocidentais é uma aposta. Uma aposta feroz, monstruosa.

Preciado, quando nos chama ao animalismo, convoca-nos desde a encruzilhada – único lugar que existe, onde estamos todas, onde não há lados opostos. Definitivamente *queer*, o animalismo de Preciado deseja transcender sexo e espécie. Seu urro monstruoso ressoa com os nossos, em lealdade à vida – gesto próprio do enfrentamento ao patriarcado, como sugerem Mies e Shiva.

Um volume d'água se acumulava embaixo do banco onde uma mulher estava sentada, na praça de Pedra. Era a mulher que chora.

Sua história começou com a boca. Despertou-se uma manhã e percebeu uma poça na fronha, concluiu que teria babado muito durante o sono, muito mais do que o normal. Naquele dia, a mulher passou o dia salivando excessivamente; o tempo todo saliva extra preenchia sua boca e ela engolia de volta. Sua mãe disse que esse era um sintoma de gravidez, e a mulher preocupada fez um teste de gravidez que resultou negativo, ainda bem, já que ela não desejava um filho. No dia seguinte, a poça no travesseiro era ainda maior, percebeu que as excreções vazavam em abundância também pelo nariz, muito embora ela não estivesse sentindo absolutamente nada de gripal. Ela passou o dia inteiro assoando o nariz e cuspidando num copo. Na terceira manhã, a poça aumentara ainda mais, agora os ouvidos também derramavam um líquido. A essa altura, ela já sentia que não podia fazer muita coisa, e chorou um pouco porque se sentiu lesada e desconfortável, ela precisava trabalhar, mas nenhuma roupa ficava seca e ela molhava tudo por onde passava. O quarto dia foi decisivo para o apelido que ela levaria dali adiante, “a mulher que chora”, porque a poça, ainda maior, agora contava com água que vazava pelos olhos. Nunca mais a mulher parou de expulsar água do corpo pelos orifícios faciais. Os médicos da cidade jamais viram coisa parecida e, simplesmente, não havia, e ainda não há, o que fazer. A mulher vendeu todas as suas roupas e, hoje em dia, só usa maiô, que é a vestimenta mais adequada para passar o dia molhada.

Dia desses, um pequeno incêndio em uma loja deixou os moradores desesperados. Atipicamente, os bombeiros estavam todos dormindo e a água estava em falta em todas as torneiras. Então chamaram a mulher que chora para ajudar, e ela foi, mas não pôde dar conta, pois quando ela conseguia apagar pequenos focos, já se espalhavam vários outros. Seria necessária uma grande quantidade de mulheres que choram para dar conta de um incêndio.

Investigando a causa do incêndio, que só foi apagado pelo grande toró que caiu no desenrolar da madrugada, a polícia pediu as gravações da câmera de segurança. Foi possível ver que durante a tarde anterior ao ocorrido, quatro crianças brincavam nos sofás da loja enquanto esperavam a mãe fazer compras. Corriam, trocavam de lugar, pulavam, se escondiam. Nada aponta qualquer conduta criminosa nessa ação. No entanto, ao anoitecer, na loja vazia, pequenos focos foram surgindo justamente nesses sofás, como se houvesse ali microscópicos fósforos que, do nada, se acendiam espontaneamente. Pequenas luzinhas que, conforme aumentavam, iam se fazendo perceber fogo, na filmagem. Muito curioso, mas inconclusivo. O caso foi encerrado sem que tenham sido encontradas quaisquer explicações.

Anoiteceu, e a noite foi ficando cada vez mais clara, conforme eu me distanciava das luzes do centro da cidade, no caminho de volta para casa.

gentebichoterra e o terreno oculto que habitam

Federici defende que a caça às bruxas foi um laboratório de experimentação de métodos de controle e disciplinamento social, e que os modelos de discursos, histórias e imagens mórbidas construídas em seu desenrolar deram embasamento para o discurso desumanizador que, em seguida, subalternizaria os povos colonizados e escravizados. Mignolo e Federici, em separado, apontam para duas facetas ocultas da retórica da modernidade: colonialismo e perseguição às mulheres, facetas essas que, passados séculos, ainda ressoam atravessando imaginários e subjetividades. A colonialidade é o que sobrevive ao fim do colonialismo, como um padrão e reprodução de comportamento que obedece a lógica da dominação colonial; e o espectro da bruxa é o que sobrevive ao fim da caça, como discurso que sufoca qualquer comportamento que desvie dessa mesma lógica.

Isso significa que, além de desenvolver o aparato de ferramentas discursivas, o qual moldou e definiu a função social da mulher e fundamentou a construção da ordem patriarcal colonial, a caça às bruxas também engendrou um discurso que até hoje vigora e mantém as relações de dominação. O terreno que gentebichoterra compartilham conta com recorrentes podas do mato e manutenções nas cercas que o fecham.

Toda vez que uma mulher desvia do modelo de feminilidade imposta, ela possivelmente é chamada de monstra, diabólica, perversa, maliciosa – qualidades correspondentes ao feminino encarnado pela figura da bruxa, um feminino proibido e ultrajante, o espectro que sobrevive. Além disso, feminilizar alguém é, frequentemente, um xingamento, o que denota que mesmo o feminino cabível deve ser mantido em seu lugar de inferioridade ao masculino. Em paralelo, ofender alguém passa também, frequentemente, por animalizar essa pessoa, o que, mais uma vez, entrelaça as existências e opressões das mulheres e dos bichos.

o discurso é um antolho, uma cerca, uma armadilha. o discurso também é uma cortina fechada. aparatos criados séculos atrás reforçam e manejam a domesticação de genteterrabicho.

Mas os cavalos;

eles preservam certa desconfiança e certa selvageria mesmo quando domesticados. Rebelam-se, desobedecem, dão coices. Ao mesmo tempo, práticas mágicas de vida seguem furando os dias de uma mulher, causando rupturas na normatividade, provocando desvios nas rotas. Daí, uma identificação que me atravessa. Uma mulher é como um cavalo. E isso, a despeito do que presunções especistas apontariam, é um condão.

unir-se aos cavalos, às cavalas. na junção avolumar-se e fortalecer-se. Romper muro cerca, incendiar a armadilha, vencer o campo e ganhar o mundo,

adentrar a floresta, onde o canto da cigarra nos protegerá.

Em um quarto de paredes verde-claro, numa tonalidade que lembra um hospital, estávamos eu, um casal desconhecido e seu bebê recém-parido nu e melequento. Eu estava sentada na cama, que era alta, de pernas cruzadas e com as costas apoiadas na parede. Ao lado estava o casal; o homem de costas para mim e sentado numa banquetta de madeira apoiando sua lombar na lateral da minha cama, e sua esposa em outra banquetta, sentada de frente para ele, com a criança no colo. Eu não conseguia ver seus rostos; nem o do homem, porque estava de costas para mim; nem o da mulher, porque o corpo robusto do homem tapava minha visão. Eles conversavam e decidiram colocar o bebê na cama, então a mulher passou o bebê para as mãos do homem, que o passou para cama, acomodando o pequeno corpinho de seu filho em frente às minhas pernas dobradas e cruzadas.

Em seguida, o homem olhou para mim e começou a me falar coisas sobre as quais não pude prestar atenção, pois ao mesmo tempo em que ele falava comigo, ele apoiava seu tronco em cima do bebê, o que me deixou aflita. Para me chamar a atenção, o homem foi gradativamente torcendo seu corpo, tentando virar-se para mim, mas dessa forma ele apoiava-se cada vez mais forte em seu filho. Eu podia enxergar o rosto do bebê desconfortável. Mandei o homem ter cuidado, parar, mas ele não me escutou. Então eu vi o rosto do bebê esvaziar-se de expressão, ficar estático. Desesperada, empurrei o homem, que demorou para entender a situação, até que, de pé, olhou para o filho e disse 'será que ele morreu?'. Agora eu lembro desse momento e percebo que não havia nem medo nem surpresa nem remorso em sua fala, não havia nada, era uma dúvida vazia. A mãe do bebê continuava sentada onde já estava, não sei se percebeu o que acontecia. Eu aproximei meu rosto ao rosto do bebê, que parecia completamente parado, parecia mesmo morto, eu me aproximei para ter certeza, eu não queria acreditar. Toquei sua barriguinha e peito com a mão, olhei nos olhos bem de perto, procurava algum sinal de vida. E como quem desentope um canudo, puxando uma vez com dificuldade e outra vez fluída, o bebê respirou. E eu respirei. Ele estava vivo. Eu estava viva. A partir daquele momento, eu precisava protegê-lo.

De manhã, entreguei terra à terra, fiz xixi, lavei o rosto, raspei a língua, passei café, alimentei os patos, os cachorros, os gatos. Varri a casa, cujo piso está se desfazendo, e já não é possível saber o que é lajota, o que é madeira, o que é cimento, o que é terra.

Agora já passa do meio-dia e hoje não vou sair.

~~a razão deve manter-se atenta ante os ataques do ser carnal e evitar~~ **que** *(nas palavras de Lutero)*
a “sabedoria da carne” corrompa os poderes da mente.

Me parece um bom plano.

Para Federici, o conflito criado entre razão e corpo, além de facilitar disciplinamento dos corpos para o trabalho, também serviu para favorecer uma linguagem “mais masculina” para descrever o mundo, cujo propósito deveria ser informar de maneira clara e objetiva, distinguir mente e matéria, e evitar metáforas. Parecem ser ainda essas as regras que guiam linguagem acadêmica, a qual, nos anos 90, Haraway definiu como branca e masculinista, nutrida e engrandecida pelos mitos de imparcialidade e objetividade na pesquisa. Os “poderes da mente” que serviram e servem de engrenagem para a produção de um conhecimento falsamente imparcial, claro e objetivo, pelo que sugere Haraway, habitam a razão daquele a quem é permitido pensar, ver, descrever e, portanto, definir o mundo: o homem branco europeu.

Em *Perto do Coração Selvagem*, Clarice escreveu:

tenho um corpo e tudo que eu fizer é continuação de meu começo

Talvez essa frase resuma o que Haraway levantou quando propôs os *saberes localizados*; uma perspectiva feminista na pesquisa, contrária aos valores do saber canônico. A premissa é rejeitar a falsa ideia de que é possível produzir conhecimento de forma imparcial e, assim, admitir uma objetividade parcial e posicionada, implicar-se assumidamente e corporificar pesquisa, processo, escrita. Um compromisso feminista se afina às ressonâncias, não às dicotomias.

Longe de ser universal, eterno, infalível, um corpo é momentâneo, mutável e limitado, assim como é o conhecimento. Se faz, desfaz, refaz em (des)construção contínua. Honro a continuidade, assim como honro todos os finais que a compõem.





Um som de carro me atravessa. Está dobrando a esquina da rua, vem em direção à minha casa. Algo dentro da minha boca arranha. A atmosfera da minha boca aquece de um ar denso que sobe pelo peito. Eles estão com o carro em frente ao meu portão, eles freiam o carro, eles descem do carro e, nesse momento, eu já mal enxergo, algo aperta minha visão, sinto a pele em torno do olho se espremer. Um ar quente se espalha por dentro, faz expandir meus ombros. Posso sentir o vazio se apropriando do espaço ao meu entorno quando patos cachorros gatos galinhas sapos formigas deixam de me fazer companhia e somem no pátio. Posso sentir o ar quente de dentro tomando o ar de fora, tomando esse vazio, tudo quente, tudo calor. Meu peito aberto em raiva, meu peito aberto pronto para lançar facas. Tudo vibra, um terremoto em mim. Eles dizem oi eu digo sai eles pedem para conversar eu digo some eu digo chega

Diante dos meus olhos apertados, uma paisagem de objetos voando desde minhas mãos até eles. Nesse momento muitas coisas no ar, nesse momento muitas coisas se movendo, o ar quente, nesse momento eu não sei, barulho de tudo, barulho de fora e de dentro, minha voz é áspera, sinto arranhar desde o pulmão até a ponta da língua, sinto na gravidade uma textura densa, é tudo tudo tudo arranhado, tudo desgrenhado, nada comporta, tudo machuca, nada encaixa, tudo combate. Um urro sai e, além disso, agora estou aos prantos e o corpo ainda quente e eles já sumiram. Penso que chove, mas volto a mim, e é só meu rosto que está encharcado, o sol a pino secará, e eu me deito. Estou deitada no chão na terra recebendo a luz do sol, vejo se reaproximarem os cachorros patos gatos sapos formigas.

Estou utilizando um pote de vidro para guardar a matéria branca gosmenta que eu raspo para fora da minha língua todas as manhãs. É meu corpo desfeito ali dentro dele, é o que expulso. Tem dias em que me percebo olhando para essa substância com muita atenção, esperando que algo se mova, esperando captar um mínimo movimento que seja. Nada acontece. A prateleira do banheiro com o potinho apoiado nela parece até um altar, uma saudação ao que em mim morre. Hoje de manhã, acendi uma vela ao lado.

Almocei beterraba, cenoura, rabanete, alho, cebola, gengibre, batata e inhame: alimentos que crescem por dentro da terra e, por isso, me trazem a sensação de que estou comendo o mundo. Têm sabor e cheiro férricos, lembram meu próprio sangue.

Vontade ambiciosa essa de querer comer o mundo, mas não numa devoração de quem está matando e engolindo uma presa, e sim numa devoração de quem se mistura com aquilo do que se alimenta. Rasgar o alimento com os dentes, senti-lo desmanchando e se espalhando em mim, sentir eu mesma me espalhando nele, me tornando ele. Talvez isso seja um desejo de estar discreta, difundida em todas as coisas, num desfazimento de distinções, num tipo de mimetismo. Imaginando que essa devoração faria possível uma percepção mais sagaz do que é tudo e do que sou eu, nesse desfazimento conseguir estar do avesso, percebendo o meu próprio corpo por dentro, e o que nele se inscreve, porque agora sei, agora depois da beterraba cenoura rabanete alho cebola gengibre batata inhame, isso, agora, agora sei que é impossível deglutir o mundo sem deglutir a mim mesma, e vice-versa. Na boca a terra, nos olhos a terra, nos ouvidos um som de floresta que nunca cessa.



Um sonho frequente: estou atravessando um rio pelo topo de uma cachoeira muito alta. Equilibro os pés de pedra em pedra, mantendo a firmeza e a força necessária para que a água que corre não me faça resvalar. Caminho atenta. Mas, de repente, escorrego. Acordo em sobressalto. Desperta, fico aliviada, estou viva, não caí, meu corpo, minha cama, volto a dormir, a sonhar.

Em vigília, tenho uma sensação muito similar a essa do sonho. Leitura, pensamento, escrita, criação, não necessariamente nessa ordem, formam o chão onde realizo meu percurso artístico. Caminho com cuidado, firme. E, no entanto, como a água do rio com o qual sonho, uma incerteza vem mais forte e faz meu pé escorregar. Caio, mas não desperto em sobressalto, pois estou já acordada, então não há o alívio instantâneo.

Nesses dias, Ursula, como se viesse caminhando atrás de mim na escorregadia travessia da cachoeira, lentamente me resgata da queda usando apenas uma mão, num gesto de quem recolhe.

Antes da lança, a bolsa.

A primeira ferramenta humana criada pode ter sido uma bolsa e não, como acredita-se, uma lança ou um machado. Essa é uma teoria de Elizabeth Fisher, a qual Ursula Le Guin se une e para a qual nos convoca. É uma hipótese menos fálica do que a recorrente, prioriza a imagem das mãos em concha em vez da imagem do punho masculino fechado e prolongado em lança. Ao trocar o gesto de matar pelo gesto de receber, como fundamento da cultura, Elizabeth e Ursula reivindicam um outro entendimento de humanidade, no qual nós, mulheres, podemos então nos reconhecer como humanas, (...) *alegremente, pela primeira vez.*

Uma bolsa, ao contrário da lança que mata e fere, não é do âmbito do domínio, mas sim da abertura, do cuidado e do resguardo; ela permite recolher, guardar, carregar e depois compartilhar alimentos, objetos, utensílios. Um texto, um livro, um romance ou uma poesia são como bolsas, guardam palavras e sentidos a serem compartilhados, assim Ursula propõe. Seu braço esquerdo magro, senhorio e, sobretudo, muito forte vai, aos poucos, me colocando de volta nas pedras, no percurso. Ela diz

Ainda há sementes para serem coletadas, e espaço na bolsa das estrelas.

Quase firme, eu penso: sim, há estórias, sim, é importante. a bolsa se abre. ainda há muito a ser dito aqui nesta

barriga do universo, neste ventre das coisas por virem a ser e nesta tumba de coisas que foram, nesta estória sem final.

Firme, volto a seguir o percurso, percebo: o caminho no topo da cachoeira se faz de pedras de imaginação, invenção e encantamento, atravesso-o como quem atravessa o tempo desvelando e evocando mundos, ficcionando porque a estória não acabou nem acabará. Na bolsa que carrego comigo, há lembranças, momentos, imagens, textos, ervas e intuição, olho para dentro dela e resgato pistas para enfeitiçar vida.



Já faz alguns anos que o terreno que fica entre a parte mais movimentada da cidade e a parte mais calma está à venda. Se houvesse uma linha divisória entre uma coisa e outra, eu diria que é esse terreno. No entanto, não há, tudo é muito borrado, e barulhos e agitação, assim como o silêncio e o sossego, viajam de um lugar a outro e se misturam o tempo todo. Talvez seja plausível considerar que esse terreno vago habita algum tipo de encontro a(u)stral. Voltando do mercado, passei em frente a ele. Quatro meninas brincavam lá dentro, faziam estrelinhas e paradas de mão, caminhavam sobre os braços deixando os pés no ar. Uma delas fez um buraco no solo e enfiou a cabeça, depois convidou as outras a fazer o mesmo. As quatro meninas ficaram um longo tempo assim, com as pernas no ar balançando suavemente, as mãos e ombros apoiados no chão, equilibrando o corpo, e as cabeças imersas na terra. De onde eu as observava, cheguei quase a sentir o silêncio que elas alcançavam com os ouvidos enterrados. Tenho certeza de que elas partilhavam secretamente o desejo de que aquele terreno ficasse para sempre ali, vago, sem dono, apto para ser ocupado por brincadeiras, apto para oscilar entre o barulho e o silêncio.

No quintal da casa ao lado do terreno vago, uma senhora colhia limões. Essa senhora é bem conhecida na cidade, seu apelido é Grandes Mãos. Há uma desproporção no corpo dela, suas mãos são muito maiores do que se espera, é um corpo que contraria o Homem Vitruviano. Imagino que algo biológico a fez desenvolver essa grandeza das mãos, algo do âmbito da evolução, da adaptabilidade do corpo no mundo, coisa de sobrevivência e perpetuação da espécie. Como se seu corpo, embora humano, fosse tão sagaz como são os corpos de algumas plantas, dessas com o raro dom de modificar simultaneamente forma, tamanho e cor da própria constituição física. Essa habilidade é um tipo de mimetismo nunca visto no mundo animal até então, e eu imagino que essa senhora possa ser um primeiro caso.

Embora muitas consigam, não é nada fácil, com pequenas mãos, carregar crianças, flores, alimentos, animais domésticos, agulhas, hortas, panelas, sabão, escovas, cola, lápis coloridos. As mãos da senhora, fixas ao corpo, como plantas fixas ao solo, adaptaram-se às condições possíveis, e se reformularam, aumentando de tamanho e, por vezes, se confundindo com tudo aquilo que sustentam. Mesmo que enormes e desproporcionais, capazes de cobrir toda a superfície da barriga e parte do peito, suas mãos são firmes e perspicazes.

Uma pedra na mão pode ser pesada, mas se acomoda com facilidade; é mais difícil carregar flores, crianças e alimentos, pois requer força e delicadeza, é do âmbito da sensibilidade. Forte para manter, delicado para não matar. Por isso, essa senhora de mãos grandes, habituada a carregar as coisas mais difíceis, manuseia com destreza também as facas afiadas.

Foi assim que você me descreveu o mundo:

Belo, único, de instantes singulares e nunca repetíveis, predominantemente azul, pois assim o astronauta o enxergou. Envolto num mistério que coordena e organiza e dá sequência aos dias, às noites e às estações. Você pediu que eu olhasse para o besouro que eu adotei e que criava na varanda, e disse que, por mais que ele e eu parecêssemos imensuravelmente distintos, em tamanho e em funcionamento, éramos, na verdade, muito parecidos. Você disse que eu era tão pequena quanto um besouro – e a partir desse dia, inclusive, você passou a me chamar de besoura. E então você completou a descrição do mundo, dizendo que você, eu, o besouro e mais uma infinidade de seres inscrevemos nossas vidas no mistério, esse sim de tamanho imenso, colossal. E o mistério que nos abriga, e que também se inscreve na gente, garante que cada um de nós respire durma acorde coma beba respire.

Acho que você nunca soube disso, mas nos anos 70, um homem chamado Lovelock criou a teoria científica de Gaia para nomear o que nós já chamávamos de mistério: o conjunto de sistemas que compõem a vida na Terra. Você era boa em cálculos, em plantas e em batata frita. Da sua boca, a ideia de integração planetária soava tão mais bonita do que agora, que se converteu numa noção um tanto horripilante.

Você viveu a *new age* dos anos 70, será que dançou para Gaia? Esse nome faz pensar em algo místico, evoca uma ideia de mãe terra, aquela que todo amor e nutrição oferece aos seus filhos. Mas não é nada disso. Talvez você nem goste de saber, mas Gaia, nosso mistério, se rebelou. Também, não é lá muito surpreendente, esse nome carrega uma bagagem forte. Bruno me disse que a personagem mítica que origina o nome da teoria foi uma deusa controversa, de astúcia, de gênese e de violência. Primitiva, proteiforme, monstruosa, impudente. Ora bem aconselhava os filhos, ora virava uns contra os outros. Nunca cometia crimes com as próprias mãos, mas induzia terceiros a cometê-los.

Nosso mistério, agora descrito com mais detalhes e com palavras de adulto, é uma grande teia dos processos que acontecem e influenciam uns aos outros simultaneamente. Essa mutualidade de processos entregou um emaranhado de forças potentes para o mistério, que se tornou a Gaia ameaçadora. Imprevisível, indiferente, independente. Feroz como uma personagem que estava oculta em toda a narrativa e de repente se revela, tão incompreensível quanto uma divindade do passado arcaico. Por isso agora faz mais sentido chamá-la de Gaia do que de mistério, me desculpe por trair nossas velhas invenções. Gaia é o caos climático em que estamos todos inseridos e inscritos, eu, você, o besouro. Gaia não cabe no errôneo conceito bipartido de natureza/cultura. Por isso que assusta, porque rompe com presunções da modernidade. Bruno disse que diante de Gaia, eu e você e ele e outras pessoas nos desanimamos, e ela, antes um mistério silencioso, tornou-se hiperanimada. O besouro segue sendo o besouro, mas mesmo assim não será poupado da fúria de Gaia.

Você percebe? A personagem mítica, que hoje nomeia nosso caos, representava a Terra na mitologia grega como uma energia feminina insubmissa, ativa, responsiva e inventiva; qualidades que desviam do ideal de feminilidade. Parece que a Gaia dos gregos estava muito mais para um feminino bruxa do que para um feminino dócil maternal. Se em alguma instância, as figuras terra e mulher se entrecruzam enquanto maternais e cuidadoras, penso que mais promissor ainda é se aliarem no desvio. Rebeldes, exigentes, insubordinadas, independentes. No encontro genteterrabicho, Gaia e mulher se metamorfoseiam em feras. E talvez aqui, eu e você reencontremos o mistério, como a aliança que nos salva, porque não podemos negá-lo, não podemos negar Gaia, apenas encontrar formas de compor com forças e desejos que

deixaram de ser inertes. E o que parecia ter se tornado assustador, mostra-se de qualidade ondulante, oscila entre pavor e beleza, é uma abertura de possibilidades que nos convida a sair da inércia para dançar com ela.



dê graças às mitocôndrias
disse um professor de biologia
anos atrás
enquanto eu anotava seus ensinamentos.
suas mitocôndrias vão muito bem dentro de você
por isso você levantou da cama tomou café e chegou
atrasada
na sala de aula
distráida pelas memórias dos
beijos molhados
que trocou no fim de semana
com a colega que
corou
ao te ver entrar
atrasada
na sala de aula.
Bochechas vermelhas de quem está viva muito viva
graças a muita coisa
mas hoje vamos falar das mitocôndrias.

As mitocôndrias são organelas apelidadas de usinas de energia
disse o professor
são responsáveis pela respiração celular
assim se fica viva e vívida
e se chega atrasada e distráida
apaixonada
pela vida.
Se você está a p a i x o n a d a pela vida
adicione à sua prece
mais uma saudação:
às mitocôndrias.
Seres tão microscópicos quanto grandiosos.

As mitocôndrias – senhoras da respiração celular –
e os cloroplastos – senhores da fotossíntese –
segundo a hipótese endossimbiótica de Lynn Margulis
originaram-se a partir de interações entre diferentes organismos,
associações benéficas.
fusão, cooperação.
Margulis percebeu
que a vida se multiplica
e ganha complexidade
e diversidade
por meio da colaboração.
E que os mais pequeninos seres
estão no cerne
da evolução,
engendrando desde dentro e desde os primórdios

a vida.

Adicione isso à sua prece.

Depois que o colégio terminou
eu nunca mais vi a colega que
corou

ao me ver entrar

atrasada

na sala de aula.

Depois que o colégio terminou

eu fiz muitas novas amizades,

algumas ainda me acompanham e outras não,

e também aprendi muitas outras coisas

além da origem e da função das mitocôndrias – o que eu com frequência esqueço,

mas agora venho gostando de lembrar.

É que tudo isso

-o professor a colega as mitocôndrias o rosto vermelho a Lynn Margulis o tempo o fim o começo-
me aconchega na movência

como qualidade inerente da vida,

constituída e moldada desde sempre e sempre por

pequenezas e

relacionamentos,

em carne e em signo.

Mas eu poderia ter começado esse texto por Haraway

porque anos depois, são as palavras dela que reacendem em mim

a ideia de simbiogênese

e essas memórias antigas

de quando eu já era eu, mas ainda não era eu

em carne e signo.

Palavras que me levam pra dentro de minha própria vida

constituída por outras vidas,

emaranhamento de vidas.

Pequenezas, relações.

Carne, signo.

Haraway diz que

humanos e cachorros são

espécies companheiras.

Em nove mil anos de convivência construímo-nos

uns aos outros. Coevoluímos.

Haraway narra essa história conjunta

observando-a

do lado de fora

do mito do progresso

e do lado de dentro

do mundo.

Isso é;

para ela, na história que compartilhamos
os cães não são meros seres passivos numa relação de adestramento e domesticação,
os cães são tão agentes quanto os humanos.

Primeiro, eles aproximaram-se de nós por interesses próprios,
depois entraram conosco nessa relação que é, nas palavras de Haraway, uma
interminável dança de agências distribuídas e heterogêneas.

Numa trama composta por
encontros desencontros tragédias alegrias,
formamo-nos mutuamente
como espécies companheiras.

É do âmbito da simbiogênese: coevolução.

É do âmbito da simbiogênese;
a própria constatação do companheirismo entre humanos e cães
converte-se na constatação da
simbiogênese
entre natureza-cultura
esses dois domínios ilusoriamente separados
que na intimidade cão-gente se mostram
movediços, correspondentes, codependentes.

É do âmbito da simbiogênese:
sair do sujeito, entrar no mundo
abandonar tipologias monolíticas para
perceber
os indivíduos
através das múltiplas relações que (n)os constituem,
e nos fazem não fixas ou estáticas,
mas constantes inacabadas contínuas,
vivas, muito vivas.

Haraway convida: fazer parentesco,
como quem olha com carinho para a família multiespécies,
entrelaçada não por árvore genealógica, mas por rizoma parental,
honrando-a,
aliando-se
às companhias que juntas
traçam caminhos para a
(re)abertura de mundos vívidos vivíveis
de cosmologias vívidas vivíveis.

Pessoalmente, eu gosto de que
Haraway
assim como Margulis
e assim como as lembranças que suas palavras me trazem
aulas relações beijos bochechas corpo carne signo movência memória fim início impermanência
me tira de minha suposta

inteireza

ou

superioridade

humana.

mais ou menos assim:

se me componho, como tudo se compõe,

material e semioticamente,

por meio de relacionamentos

nem minha carne é

minha

carne.





Madrugada em Pedra. Às duas horas no centro, além de mim, havia mais um transeunte. Era um homem jovem adulto que caminhava de olhos fechados e quase esbarrava em obstáculos como placas, hidrantes, paredes, muros, ele quase caía no fim da calçada, mas sempre que estava a um passo de se machucar ou de ser acordado pelo obstáculo, desviava. Algo protegia seu sono, ele percebia os perigos sem tocá-los e sem olhá-los, o corpo naturalmente escapava, deixava o sonho continuar. Eu apelidei esse homem de O Sonâmbulo, sempre o encontro pelas ruas quando saio nesse horário.

Mais adiante, percebi outros transeuntes, esses não-humanos, mas despertos. Eram dois cachorros cruzando a madrugada, caminhando muito certos em seus passos, como se tivessem um destino definido, e talvez tivessem. Logo enxerguei um outro cachorro, esse dormia em um buraco no meio da rua. Um carro se aproximou e quase passou por cima do cão, que levantou a cabeça, então quem dirigia o viu e desviou. Nessa pequena cidade, nenhum cachorro é um completo abandonado.

Em Pedra, a organização é bem como a palavra manda, o centro fica no centro. No entanto, dizem que a região central é sempre o coração da cidade, mas eu não concordo. Não é o centro dessa cidade que bombeia vida para as outras partes dela, e sim o contrário.

No caminho de volta para a casa; eu já estava em uma localidade mais escassa de luzes artificiais, letreiros, asfalto e casas quando enxerguei um cavalo dentro de um pátio. Era marrom escuro e, apesar de usar antolhos, podia me enxergar, pois eu me movia bem em sua reta. Por cima do muro que o guardava, ele me olhava nos olhos. Um bicho alto e forte, mais alto do que aquilo que o prende. O cavalo no escuro da noite é uma imagem de mistério, uma imagem de sonho. O cavalo é um lembrete.

Por último, havia um boi.

Um boi se alimenta da seguinte forma: ingere rapidamente o alimento e o regurgita de volta para a boca e então o mastiga e engole novamente. O boi ruma. Nessa madrugada, o boi que encontrei fez esse movimento repetidas e repetidas vezes, incontáveis vezes, com o mesmo alimento. Engoliu e regurgitou as gramíneas inteiras para a boca, mastigou desmanchando-as, engoliu, e regurgitou as gramíneas unidas em formato de bola, mastigou, engoliu, regurgitou em formato diferente, e foram mil formatos e mil desenhos aparecendo sobre a língua do boi, ininterruptamente.

Agora que nos olhamos, aqui, cara a cara, e que nos vejo transfigurar em fera,
aqui onde somos
muito terra muito gente muito bicho, aqui-agora
respiramos
ofegantes
e aliadas.
nos sinto envoltas num grito, confundidas em grito, som, de prazer e de dor.
aqui em terragentebicho, o entrelace, nossa aliança
nosso levante, nossa libertação
depende de

1: permanecermos vivas

2: cooperarmos

aqui em terragentebicho
fica mais evidente uma ideia de vida sustentada por
simbiose, interconexão, rede.
é uma questão de vida ou morte que
este princípio
vigore.

Os iluministas definiram liberdade e felicidade humanas como
emancipação da natureza, domínio dela pela razão
mas aqui onde nos olhamos cara a cara sabemos que
nossa libertação
faz um caminho contrário
à liberdade moderna
porque foi essa concepção emancipatória que nos fez
outras outros objetos exploráveis subordináveis.
No caminho do homem branco pela sua liberdade
pagamos com a nossa.
Não fui eu quem disse, foram Shiva e Mies que disseram.
Aqui em terragentebicho, entendemos
que liberdade, felicidade
não é questão de transcender a natureza,
mas sim de estar bem
dentro dos limites dessa natureza.

Aqui onde nos olhamos cara a cara
nosso urro conjunto é por uma cosmologia outra
que privilegie simbiose e interconexão
ao invés de disputa.
É uma questão de vida ou morte.
Reconhecer cooperação e cuidado mútuo
como princípio da vida na natureza
- que inclui a humanidade –
é questão de vida ou morte e é questão de vida-morte-vida.

lembro das palavras de Ursula e tomo-as como guia
no processo pelo qual nosso urro reivindica.
Porque pensar a bolsa,
como primeiro artefato humano criado,
ao invés da lança,
fundamenta a cultura humana no gesto de
recolher, guardar, compartilhar,
e então
cooperação e cuidado mútuo como princípio vital
se aconchega com mais facilidade
no pensamento que vai se
refazendo.
Um pensamento bolsa.

Colocar-se no mundo de maneira a
produzir uma comunicação entre o
futuro
herdeiro de nossas ações
e o
passado
que deve ser recontado
é gesto de
direcionar-se a um futuro não bárbaro.
Stengers sugeriu.
Ela parece concordar
com aquilo que
nossos olhos, que se encontram direto e reto,
percebem também agora;
que
desafiar o patriarcado é
gesto de
lealdade
ao futuro.

e isso é perspectiva ecofeminista,
segundo Vandana Shiva e Maria Mies,
essa surpreendente dupla
que gestou e pariu um livro fundamental
da literatura ecofeminista.

sul do mundo e norte do mundo:
quilômetros de distância física
e simbólica,
mas intimamente conectados
pelo jogo de privilégios que
às custas do sul
o norte ganha.
Diferenças à parte,

Shiva, física teórica do movimento ecológico indiana,
e Mies, socióloga feminista alemã,
encarnaram gesto ecofeminista
ao colaborarem num livro conjunto.

Elas entregam

Uma transcendência criativa de nossas diferenças,
palavras delas.

Me parece isso um gesto ecofeminista
de cooperação

e de honra às suas heterogeneidades
que no encontro se transfiguram em
fera.

É do princípio da vida.

emblemático;

embora tenha sido Françoise D'Eaubonne
a primeira pessoa a enunciar

ecofeminismo

o termo só ganhou bocas

nos anos 70 e 80, quando

movimentos pelo feminismo, pela paz, pela ecologia
respondiam aos desastres ecológicos da época.

No burburinho dos manifestos

ecofeminismo ganhou forma

em gesto e palavra.

Na junção, colaboração,

condição vital,

um urro conjunto

ofegante e aliado.



Os detalhes, os pormenores, as pessoas, os bichos, os objetos, muito concreto, muita mata, poemas rasgados, tapeçarias, as pessoas, os bichos, os detalhes, os pormenores, as luzes, a mata, a noite, um cavalo, dois cavalos, o chão batido, o chão de pedras, o chão de asfalto, as rachaduras, a luz queimada, o barulho, o escuro, ninguém, todo mundo, quem, eu, você, a mata, os bichos, os detalhes, a superfície.

Descrevo essa cidade como quem joga um jogo: atiro a primeira palavra e então vou embolando as próximas umas nas outras. Ideias não caminham da minha cabeça às pontas dos dedos para chegar ao papel, e se eu empreendo essa tentativa, tudo me escapa. Aprendi que para narrar a cidade, eu preciso deixar os dedos à frente, líderes, encarregados de puxar as palavras, não de recebê-las passivamente. São dedos ativos. Essa narrativa começa carnal.

Talvez seja uma ilusão, mas nesse processo percebo minha existência num lugar que me parece mais interessante, a escrita na qual invisto aqui me faz sentir borrar fronteiras entre razão e instinto, mente e corpo. A escrita costura as diferenças, une esses polos supostamente opostos. Sou presenteada pela escrita com a sensação de desfazimento da bipartição do meu próprio ser. Enlaço com mais clareza as partes codependentes, mas talvez seja uma ilusão. Alcanço um estado extático efêmero, talvez dure menos de um segundo, como quando um cavalo voa no meio do trote, as quatro pernas no ar. E, sim, talvez isso seja uma breve ilusão, já que um cavalo não voa. Ou uma breve verdade, já que um cavalo voa por menos de um segundo. Descrevo essa cidade como quem joga um jogo, e esse é um jogo de vida ou morte.

em minha bolsa também guardo uma faca. não pense que porque minha humanidade é outra eu não estou também armada. como Agnès Varda, eu

tentei ser uma feminista alegre, mas eu estava muito zangada.

desesperadamente choro. com a ponta da língua alcanço as lágrimas e as retomo. meu corpo rebelde, distante do oceano e com ânsia de senti-lo, se desfaz ele mesmo em água salgada. um choro manifesto: para não esvaír-se em poça no asfalto, metamorfosear-se em oceano.

De manhã, meus cabelos completamente embaraçados formavam um ninho. Com a ajuda de grampos, ajeitei os fios para que minha juba permanecesse sustentadora, mesmo quando eu caminhasse, dos ovinhos instalados nela. Por dias, precisarei ter cuidado em meus movimentos.

Seguindo meu ritual matinal, fui ao banheiro fazer xixi, lavar o rosto, raspar a língua.

O potinho de vidro onde guardo minhas mortes está ficando mais pesado, a matéria branca gosmenta se avoluma. Um dia hei de ter vários desses recipientes, meu corpo nunca parará de expulsar essas excreções. Eu guardo muita coisa e todo dia ganho mais. Um cheiro horrível emanou de dentro do vidro quando o abri para depositar a mais recente camada de mim expulsa pela língua.

Adentrei a mata em busca de uma cobra voraz que topasse uma aliança comigo, por sorte a encontrei. Ela rastejou desde minha língua até o estômago surpreendendo os sapos todos. Alguns foram comidos por ela, outros fugiram. E, dessa forma, eu regurgitei sapos. De agora em diante, quando um sapo quiser entrar, a cobra o afugentará, eu vomitarei todos de volta para o lugar de onde vieram. É o fim do brejo.

Deitada na cama, olhei para minha barriga e percebi que novos ossos a contornavam, como se fossem uma continuação da costela até as ancas, eram ossos finos e pontiagudos que transpareciam pontudos embaixo da pele, esticando-a. Pela aparência, parecia absurdo que eles não me rasgassem, mas quando os toquei por sobre a pele, senti que entre eles e ela havia uma camada de matéria cartilaginosa que impedia a perfuração. Observando mais um pouco, notei que eram como espinhas de peixe me contornando o corpo por dentro, e que eu não estava deitada, mas sim num repouso flutuante na água, solta na água. Nesse lento movimento de reconhecer corpo e espaço, cheguei à percepção de minha cabeça, que, para meu espanto, estava dentro da boca de um peixe. Ele me mastigava, mas também era mastigado por mim, flutuantes nessa água abundante como um oceano e gentil como um útero. Algo importante acontecia, do tipo grandioso e perigoso,

do tipo amedrontador e sem escapatória



No dia mais frio do ano no sul do Brasil, eu não resisto ao oceano.

M. me chama de louca, diz que

atravessar centenas de quilômetros no banco carona de um desconhecido só para entrar no mar sob a temperatura de cinco graus celsius

é uma loucura.

toda matéria imersa em água ondulante se desfigura; os contornos reboleiam e ficam confusos, belos, vivos. meu corpo mergulhado sob efeito dessa ondulação é uma imagem que dança, se torna um corpo outro, me sugere algo sobre a maleabilidade de ser. meu corpo mergulhado se desfaz, refaz, faz, desfaz, refaz, faz. uma pedra em meu peito parece diluir. me confundo em meio, meio se confunde em mim.

misturada em oceano, penso que Emanuelle Coccia está mesmo certo quando diz que o mundo não é um lugar, mas sim um estado de imersão de todas as coisas. Para ele, a imersão é a condição de possibilidade do mundo. Porque, se viver é respirar, estar-no-mundo é uma experiência de imersão transcendental; inspirar é trazer o mundo para dentro do corpo, expirar é se projetar no mundo que somos.

e porque a água do mar faz minha imagem dançar, o mergulho é para mim um lembrete visual do amálgama da vida, essa imersão conjunta.

Secando-me sob o sol, na atmosfera que nem parece mais tão fria depois do banho gélido, ouço M., risonha, me chamando de louca novamente. “nem os surfistas mais convictos estão dentro d’água hoje”. eu, risonha, concordo. devo estar louca mesmo. alegremente louca, tendo atendido o chamado da loucura como um ato de salvação.

afundo meus pés na areia – terra – e ainda escorre pelas minhas pernas algumas gotas do mar – água - , que lentamente são secadas pelo calor longínquo e invernal do sol – fogo – e pelo vento – ar. estar viva é um lembrete.

abro os olhos e observo M. correndo decidida em direção às ondas,

ela mergulha, está muito frio, que louca. cúmplices, nos encaramos de longe, risonhas.

figuradamente, tudo aquilo que incorpora diferentes qualidades é híbrido. para biologia, a cruz de dois seres distintos resulta num terceiro, híbrido. na linguística é quando termos de diferentes idiomas formam uma palavra. então, imagino, o hibridismo cabe bem nesse planeta terra, nessa simbiogênese – relações, emaranhamentos, fusões, misturas constituem a vida. a qualidade do hibridismo é própria da simbiogênese, é própria da vida.

especialmente, me interessa que

na raiz da palavra “híbrido” está *Hybris*, que, na mitologia grega, é a personificação da insolência, da violência, da arrogância. *Hybris* é desmedida, o mortal que por ela é assolado cai em ruína. Gosto de que ela seja feminina e incorpore justamente um descabimento, porque evoca um rompimento das barreiras que categorizam o que deve ser feminino. o incabível me agrada, sobretudo quando é incabível a categorias redutoras. é ela um feminino desviante, portanto monstruoso.

Pensando no hibridismo enquanto mistura-fusão-entrelace, ou seja, constituinte da vida como um todo, da simbiogênese, lembro de Margulis e de Haraway e sinto-as, de alguma forma, sendo incorporadoras de *Hybris*. Atrevidas, desmoronam presunções humanas de superioridade. Enquanto a maior parte dos pesquisadores de sua época considerava o principal fator do processo evolutivo a competição entre mais fortes e mais fracos – colocando o humano como o grande vencedor –, Margulis, com a hipótese endossimbiótica, jogou luz à importância dos pequenos organismos e da cooperação na evolução. Haraway, por sua vez, afinada às ideias de Margulis, fala em coevolução e em espécies companheiras, evoca um rizoma parental e desmorona com a figura do homem no topo de uma árvore evolutiva. As duas põem em xeque os velhos postulados que glorificam o ser humano. Monstruosas, tomadas por *Hybris*, excedem os limites de si mesmas, enquanto mulheres/humanas, para destruir os ideais ambiciosos do homem branco. Excedem os limites de um mundo que já está em ruínas a fim de desmoroná-lo e evocar outros mundos, vivos e vivíveis.

Sinto *Hybris* como uma potência que nos leva a exceder limites da ordem imposta. Patriarcal-colonial-capitalista, essa ordem, ao mesmo tempo que ambiciona transcender os princípios da própria vida, enclausura-nos em categorias fixas marcadas. *Hybris*, potente, surge como força que a desafia, tira-nos da prisão categórica, devolvendo-nos à vida, que é ampla rica vigorosa, e impossível de ser transcendida. *Hybris*, força que emerge da aliança terragentebicho, habita o chamado urgente por uma filosofia que olhe menos o sujeito e volte-se para o universo emaranhado. Assim, por uma cosmologia que abrange simbiogênese, celebre-se o hibridismo e honre-se *Hybris*, potência feminina monstruosa interventiva.

Não é uma metáfora, é verdade: as ruas de Pedra estão costuradas.

Na calada da noite, alguém invisível costura, com linhas coloridas, cortes, buracos, espaços. Essas linhas já uniram o chão de terra e o de asfalto; uniram uma casa à outra, e a porta da casa à rua. Uma linha começa dentro do buraco do esgoto, dá o primeiro nó em uma borracha que boia na água suja, e vem até o lado de fora, onde dá o último nó em um relógio perdido, fixando-o no concreto da via.

Costurar aleatoriedades vem causando efeitos na vida dos cidadãos de Pedra, a meninada quer agulhas, quer brincar de costurar. Há pessoas estressadas achando graça nenhuma, mas há também mães e pais colocando agulhas e linhas nas mãos dos filhos. Agulhas podem machucar, mas o cuidado no manejo dá conta disso. Eu olho essas novas costuras e percebo o quão importante são, logo penso em desfazer as velhas.

Sim, mas onde encontrar a agulha hábil em desfazer traçados de linha, a agulha que nos salva do último nó, que rompe o arremate da costura e, então, puxa o fio para fora, expõe o fio nu, deixa furos que todo o desfazimento deixa?

no peito, nas rachaduras, no que brota em lugares improváveis, no esquecimento, na lembrança, nos pelos esparsos de um elefante, disfarçada no meio dos espinhos de um porco-espinho, em qualquer lugar

em qualquer lugar pode estar a agulha, porque - na verdade - ela está dentro dos olhos.

O ponto que brilha refletindo luzes dentro da pupila é a ponta dessa agulha.

Com os dedos em pinça diante do olho esquerdo, com as unhas compridas para conferir apuro ao gesto, mas ainda curtas para não ferir a córnea:

puxar para sair, puxar com mais força,

puxar a agulha,

Puxar, puxar, puxar para sair, puxar com mais força,

puxar agora dos dois olhos, são duas agulhas, puxar para arrancar,

puxar

puxar

até ter as duas agulhas em mãos.

Uma agulha que desfaz costuras e deixa rasgos deixa furos, não, não deixa furos, ressalta os furos, os faz visíveis, mostra os furos. A outra agulha que costura o que linhas imaginárias dividem, une provocando também furos, mas furos novos.

Fica-se com o olho demasiado sensível depois desse processo. Os olhos em dor e em falta, pois restam furos neles, espaços abandonados. Chorar muito para ver se cura, dormir muito para ver se córnea, íris, pupila cicatrizam no escuro hidratado de um olho fechado. Pedir beijos nas pálpebras, pedir carinho, deixar o olho se recompor. Habituar-se com o furo, entendê-lo não como uma falta, mas sim como a abertura que fica, um espaço que a agulha deixou, um espaço a não ser preenchido.

Onde?

Na tirolesa que parte da minha varanda e desemboca no topo de uma cachoeira. Num mergulho em que encontro imersos na água ossos de baleia. Numa estrada que de repente parte ao meio separando nós dois. Numa onda que me arranca do mar e me entrega a uma ilha cheia de festinhas. Na escada que não consigo subir quando preciso fugir de um homem que me persegue. Numa casa caindo aos pedaços no meio do mato, onde uma senhora muito idosa caminha pelada. Na minha cama habitada por lagartos. Na minha janela aberta por onde macacos entram e roubam incensos.

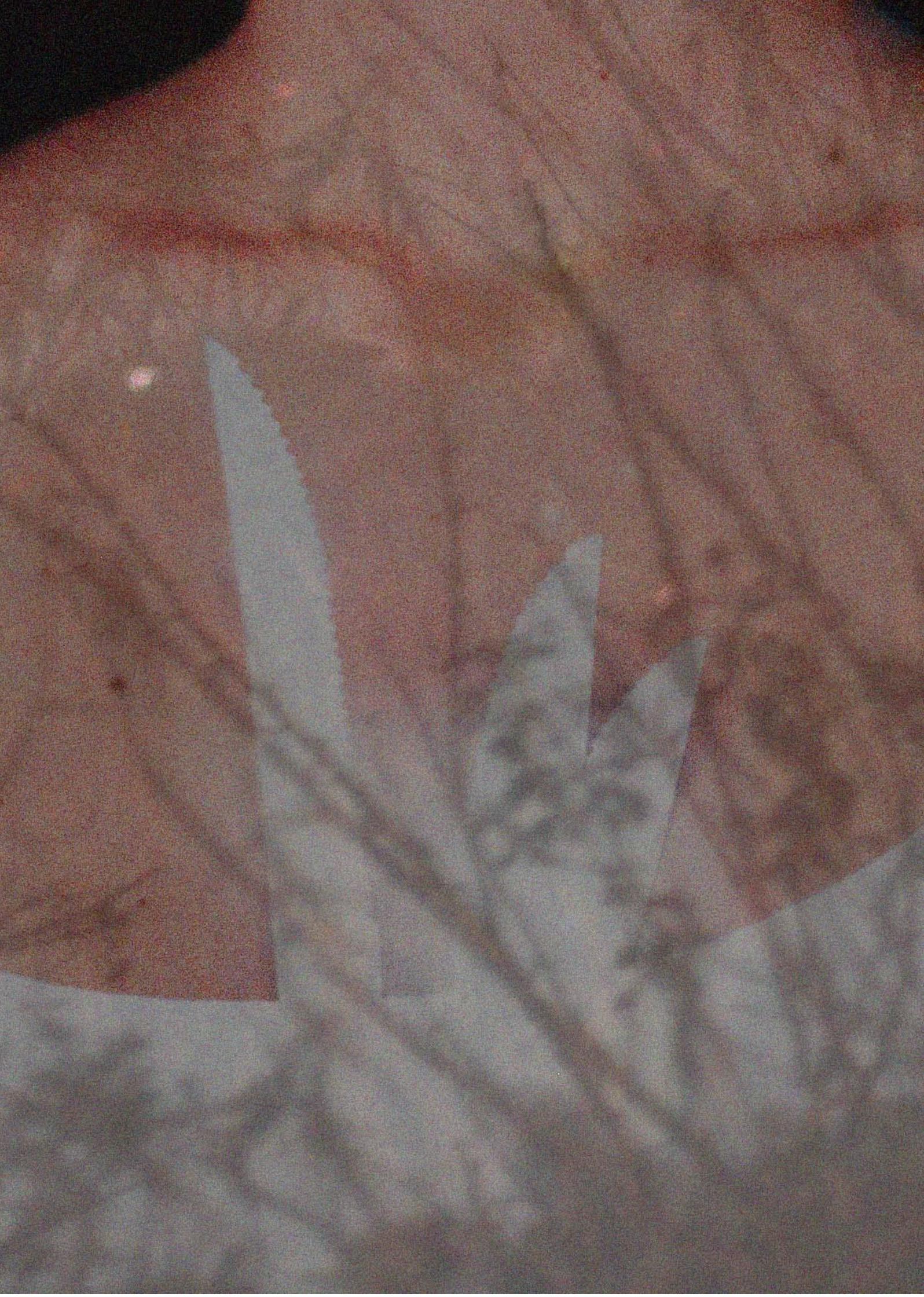
No sonho. A experiência onírica é meu onde.

Sidarta descreve o sonho como “um curioso estado de viver para dentro”. Krenak fala de sonho como lugares conectados ao mundo que partilhamos, mas de uma outra potência. Preciado defende os sonhos como parte integrante da vida, ele diz: *Ao fim e ao cabo, a vida começa e termina na inconsciência, e as ações plenamente conscientes não passam de ilhotas num arquipélago de sonhos.*

Num desejo de escapar do raciocínio domesticado da vigília, resgato em sonho um pensamento outro, um que comporta bem metáfora, poesia, paixão, deriva, susto, curva. A lógica onírica me é um lugar de reinvenção e de resistência ao desencantamento da vida diurna, me oferece a magia que segue discreta acompanhando a mim e a todos os seres durante a consciência. Se posso experienciar gesto poético e mágico, quando percebo o mundo de olhos abertos, é porque sonho me ensina.

Nastassja Martin afirma que é uma herança da modernidade a concepção de que sonho e realidade são esferas distintas, contrárias e hierarquizadas em grau de importância. Nesse sentido, sonhar parece ser um dos passos aos quais me sinto convocada na coreografia que desfaz as certezas modernas. No tempo do sonho, terrabichogente se encontram e confabulam uma retomada.





Danço nessa pista como quem se diverte, mal sabem eles que, por dentro da minha boca, afio a língua nos dentes. No primeiro sim eu direi não. E esse se tornou um prazer. Dizer não a eles.

Lendo Federici, soube que a língua feminina, na caça às bruxas, era especialmente culpável. Desbocadas, pouco razoáveis, esbanjadoras, reclamonas aquelas que ousassem se expressar por meio da fala. Não só as mulheres não podiam responder aos homens, como também se tornaram mal vistos os encontros e conversas entre elas; foi nesse período, segundo conta Federici, que a palavra *gossip* (fofoca), que significava “amiga”, ganhou a conotação depreciativa que carrega até hoje. No processo de domesticação das línguas femininas, foi criada a “rédea”, uma enghoca de ferro com a qual se puniam as mulheres “resmungonas”.

A língua era um instrumento de insubordinação que precisou ser domado pela ordem patriarcal. A rédea de ferro não é mais utilizada, mas o manejo da domesticação que ela ajudou a promover perdura no discurso. Grossa, desequilibrada, louca são os adjetivos que descrevem mulheres que ousam falar firme, responder, se indignar.

Num sonho, uma multidão de mulheres linguarudas se encara, metade está do lado de cá da rua, metade de lá. Nenhum carro passa porque as línguas pendem pesadas para fora das bocas das mulheres e ocupam a via inteira. Línguas que parecem rabos de crocodilos gigantescos, quando levantam e batem de volta no chão, a terra treme.

para sobreviver a palavra, o verbo, a escrita, é preciso sobreviver o corpo. estamos aqui estamos vivas. a língua é esse órgão muscular responsável por sentir os sabores e por coreografar a fala, minha língua de mulher degusta minha vida de mulher e guia minha linguística de mulher.

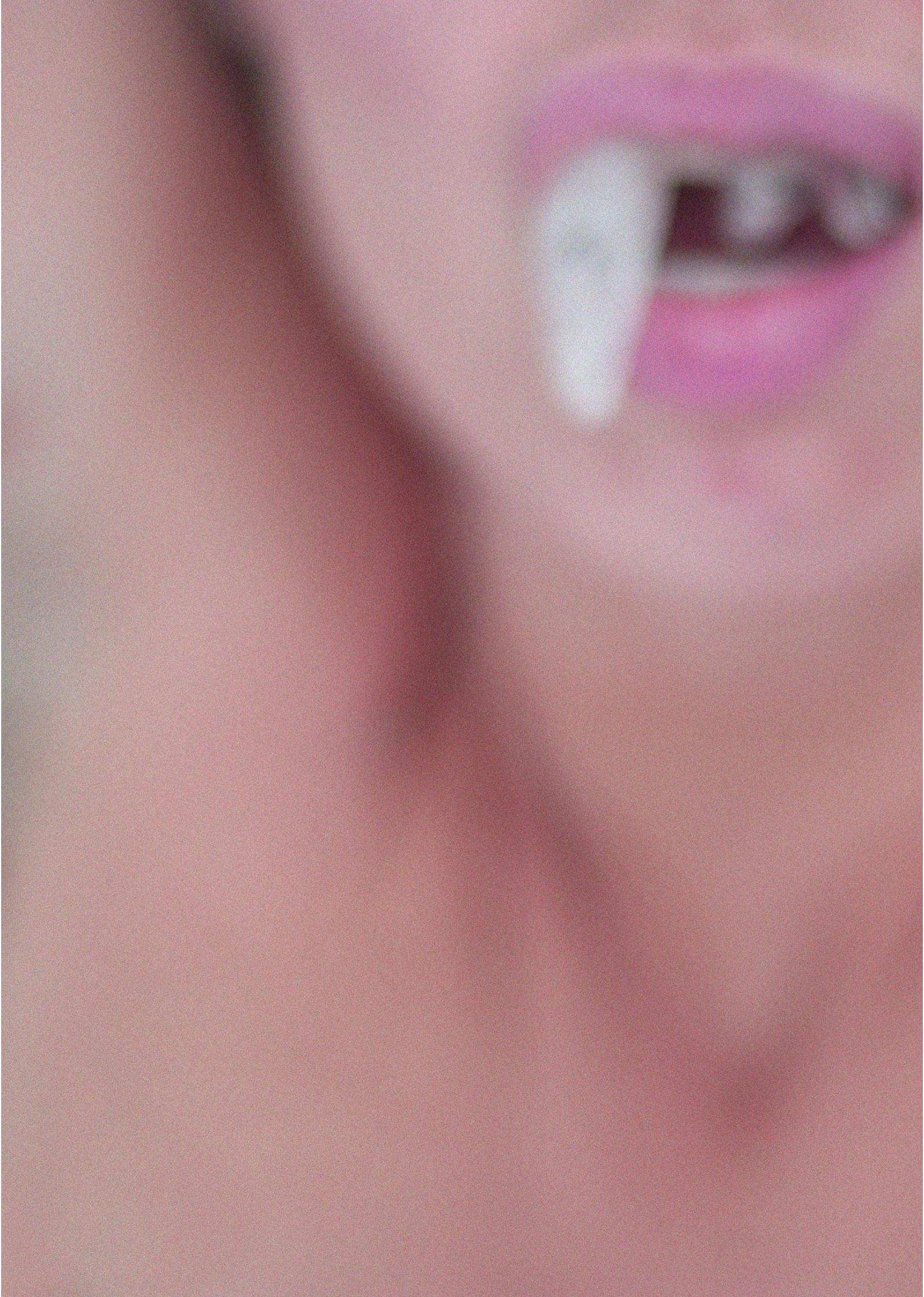
O zoológico; a lembrança desse dia apareceu de novo.

Houve um determinado momento do passeio em que as crianças gritavam tanto diante de uma jaula, que os macacos estavam alucinados. Eles penduravam-se nas grades como quem tenta arrebatá-las, rodavam o corpo buscando uma forma de passar por entre elas, gritavam e arremessavam cocôs nas crianças gritonas, e elas viam tudo isso e caçoavam ainda mais. Depois, foi um tigre, dava pulos dentro da jaula, tentava saltar, jogava o corpo contra as grades, rugia, brania.

Quando senti meu peito apertado hoje pela manhã, essa lembrança me veio à cabeça. Deve ser porque nela há algo de ilustrativo da minha angústia. Como se meu peito fosse uma jaula rígida guardando uma fera, um bicho preso. Logo em mim, que sempre quis peito aberto. Quis peito aberto mesmo quando saltavam facas de dentro dele, mesmo quando o aberto significava sair tanta coisa que não entrava nada. Mas um peito-jaula não deixa entrar nem sair, um peito-jaula é a pior coisa que pode acontecer.

Escrevo. Com desespero, escrevo. Escrevo como quem procura uma chave, como quem, de dentro da jaula escura, tateia o chão em busca da chave. Como quem não acha, mas não perde as ganas de buscar, como quem não desiste. Escrevo com mãos que agarram palavras, fazendo delas um bolo pesado, duro como pedra, e o atira contra as grades da jaula. Como quem afina palavras para que elas possam simular um arame que arromba a fechadura. Como quem une as palavras até que a largura da junção delas seja capaz de alargar o espaço entre grades, como quem aos poucos abre sua passagem. Como quem abre um caminho que não deveria ter sido fechado. Escrever, por fim, como quem arrebatou as grades, escrever com braços de fera, rugido de fera, abrir tudo, rugir alto. Eu me soltei eu me soltei; escrever agora como quem corre livre.

As plantas do terreno baldio na quadra da escola foram podadas novamente, como agora eu as meço todos os dias, sei que a mais alta delas alcançava dez metros e que cerca de meio ano se passou entre os cortes.



Você sabia que a palavra *texto* vem do latim *textum*, que significa tecido? Então, texto é costura, é trama de sentidos. Escrever é tecer.

Antes da palavra, o gesto.

Com você aprendi a costura, o bordado. Com as agulhas, linhas e tecidos em mãos, tramei desenhos desconstruídos de cenouras, tomates, maçãs, flores e corações. Enquanto isso, você tramava tapetes, casacos, toalhas de mesa, cachecóis, colchas, meias. Você emendava os furos das roupas de toda a família, fazia bainhas. É mesmo muito feminina a linguagem da costura, sempre aparece nas lembranças sobres avós, nunca sobre avôs. Deve ser porque o ato de costurar está próximo do cuidar – leva tempo, é feito aos poucos, está no detalhe. Erin Manning define *gesto menor* como uma força gestual que abre a experiência para sua potência de variação; o menor está sempre imbricado no maior, operando de dentro, engendrando variações sutis necessárias para viabilizar as grandes transformações. Acho que cuidar e costurar, operações tão pequenas quanto importantes, têm a ver com o gesto menor.

Suas mãos enormes, grandes demais pro seu corpo que cada vez diminuía mais conforme a coluna ia curvando, eram hábeis na minúcia da costura. Eu não fui uma boa aluna e não faço quase nada do que você, com maestria, fazia. Mas da arte da costura ficou a linguagem, o processo, o detalhe, o cuidado, o tempo e a suspensão dele.

Quem costura, costura uma roupa, um acordo ou uma aliança. Quem costura faz um trajeto em ziguezague para desviar de obstáculos. Quem tece, tece lã, tapete, suéter; tece encontros, caminhos, sonhos, mensagens.

Não igual a você, mas eu também costuro, teço - de dentro, no gesto menor, em que lhe resgato. Sua presença é um fio na trama da minha memória, na qual encontro a metáfora que me entrega agulhas, tecidos, linhas e técnica. Sua imagem me habita, a imagem de suas mãos costurando com a mesma habilidade que costuravam suas avós, tias, sua mãe. Antes da palavra, o gesto.



estou escrevendo dentro do carro, tentando não ceder à tontura que me espreita de levinho, preciso escrever. eu não dirijo, ainda bem que não dirijo, pois não saberia por onde guiar esse carro que me leva, agora, eu acho, de volta à minha casa. desde que assumi o emaranhamento, tenho que me virar na ausência de rota, no meio de um tudo.

sensações. sensações.

Lembro do dia que, com um gengibre em mãos,

A. explicou-me o conceito *Rizoma*,

de Deleuze e Guattari.

O gengibre é um caule do tipo rizoma: cresce paralelo ao solo e forma raízes a partir de seus nós, daí o nome do conceito. O rizoma evoca uma imagem do pensamento, proposta por D. e G., que se contrapõe à típica figura hierárquica da árvore, em que a Ciência seria o tronco.

Teia, entrelaçamento, horizontalidade;

ausência de ponto de partida;

conexão entre funções heterogêneas. Assim acontece no rizoma.

Parece habitar o emaranhamento, o meio de um tudo, o lugar sem rota.

Nesse dia, A. fez para mim um chá de gengibre, cúrcuma, hortelã e limão. Por brincadeira, batizamos a bebida de:

Conexão Rizomática, uma infusão poderosa e curativa. ®

Fez passar uma dor de garganta.

Enviei uma mensagem para A. agora há pouco, dizendo que estava me sentindo caótica. A. sugeriu que eu assumisse a entropia e dançasse nela, nessa tendência do universo ao caos. Lembro que, quando ela me explicou sobre o rizoma, usou a palavra entropia também.

Porque ela me disse isso, agora eu escrevo. Essa é a forma que encontrei de seguir sua sugestão e dançar, sentada no banco carona de um carro em movimento, com a entropia. Confio nas palavras. Acho que escrever talvez tenha as qualidades do chá que A. fez para mim, algo de poderoso e curativo. Stengers diz que escrever é uma experiência animista; exige contorção cerebral, corporal, tem capacidade de transformação metamórfica. Se ideias são o que atrai eroticamente a alma humana, segundo a leitura que Whitehead faz de *O banquete*, então Stengers conclui que ideias são o que animam os humanos, e, por isso, escrever é conceder ao texto um poder anímico. Para ela, a realização de ideias implica escrever. O carro já andou alguns km desde que abri esse arquivo no word, e eu acho que concordo com Stengers.

Ela, como filósofa, diz que deseja estar ao lado de Viveiros de Castro na tentativa de descolonizar o pensamento.

Uma operação que parece ser rizomática: expressiva e voraz como um gengibre na terra.

Por uma ciência menos divisora e definidora, e mais imersiva/mergulhadora/aventureira, um plano:

reativar o animismo e a magia

de forma a percebê-los não como quem os classifica ou opina sobre,

mas como quem se deixa

atravessar

pelas possibilidades que tais palavras evocam.

Assim entendo o convite que Stengers faz. É uma proposição de quem prefere a figura do rizoma à figura da árvore, sem dúvida.

Confio na força das palavras. A. acaba de me escrever uma outra mensagem, sobre outro assunto, na qual, por ato falho, trocou “d” por “t”. Acabou dizendo que não resiste à trama. A palavra veio forte e atravessou os dedos de A., que errou a digitação, mas acabou formulando uma frase bem mais coerente. Ela não resiste à trama, nem eu.

Penso que confiar na força da palavra, bem como não resistir à trama, é um passo no percurso de reativação evocado por Stengers. Enunciar deliberadamente palavras como magia e animismo. Essas são palavras que foram tão empregadas para desqualificar práticas não-cristãs e não-científicas, que as proferir como quem deixa atravessar-se por elas já é subversivo, transformador. A própria palavra, provocadora, é um condão na ponta da língua, enunciá-la converte-se em ato mágico.

Magia, como diz Stengers, é termo que nomeia um ofício formado por múltiplos agenciamentos e dotado de capacidade metamórfica, portanto não cabe no pensamento científico divisório e dicotômico, mas desafia-o. Por isso reativá-la é operação rizomática: não há generalidade, e sim multiplicidade. No nó do rizoma, magia associa-se a uma infinidade de outras significações pragmáticas distintas. Reativá-la passa por perceber seus entrelaçamentos com outras práticas, chegar aos encontros múltiplos e enriquecedores, complementares, em vez de contrapostos.

A magia é expressiva e voraz como um gengibre na terra.

À criação de conexões que a magia nos permite, Stengers propõe um nome: animismo. Nomear essa operação rizomática é ato de proteção e honra. Confiar na força da palavra. O animismo, se escapamos de classificá-lo como ontologia específica e deixamo-nos atravessar pelo que evoca, sugere-nos *agenciamentos que geram transformações metamórficas em nossa capacidade de afetar e sermos afetados – e também de sentir, pensar e imaginar*. Agenciamentos esses urgentes a serem recuperados na busca de um pensamento que subverta a lógica moderna dominante.

Acho que Stengers, como Ursula, é alguém que me resgata pela mão quando estou quase escorregando travessia abaixo. Me salva. Lembro que uma noite, depois de lê-la, sonhei que

enterrava meus pés e eles se tornavam enormes gengibres, e, ao meu lado, um lobo passeava. Parece-me que magia e animismo são forças inerentes ao campo onde habitamos terragentebicho. E mais uma vez, trata-se de um olhar com atenção, cuidado, percepção, aliança, ação. A. me convida a dançar na entropia, deve ser sobre isso o convite de Gaia, também. E reativar animismo e magia, como sugere Stengers, surge como passo necessário para entrar nessa dança. Me sinto salva. Estar exatamente onde estamos, de olhos bem abertos - A., eu, você, o besouro, terragentebicho - é gesto de conjuração; estamos salvas.

E eu não tenho ideia de quanto tempo passou desde que digitei a primeira palavra desse texto, mas o sol está visivelmente em posição diferente, a paisagem mudou e o aroma que entra pela janela do carro está cada vez menos verde, mas ainda verde. Tem isso, a cidade onde eu moro é muito cinza, mas nunca deixa de ser verde, e esse fato me agrada. Não deixei de sentir-me caótica, mas agora estou mais à vontade nessa condição. E não dirijo, ainda bem que não dirijo, pois não me sinto confortável no controle de grandes máquinas, entretanto, agora, acho que, se dirigisse, saberia guiar o carro até minha casa.



Comi uma forma inteira de suspiros acompanhada de uma caneca de achocolatado. Na mesa também havia uma cumбуca cheia de leite condensado, no qual eu molhava os suspiros antes de trazê-los até a boca.

Esse foi um paladar herdado. Aprendi a gostar de suspiros quando criança, em noites que eram felizes para mim, mas que, hoje, suspeito que não eram tão felizes para minha mãe. Normalmente, eu não era autorizada a comer muitas coisas açucaradas, uma sobremesa aqui, outra ali, mas nada em excesso. Exceto nessas noites em que minha mãe repentinamente virava para mim e gritava “noite de guloseimas!”. Acontecia de vez em quando, posso chutar que era uma vez por mês, não tenho certeza da temporalidade. Agora, quando me recordo desse momento, vislumbro a lembrança do rosto da minha mãe e vejo que, na verdade, ela estava aflita. Sua necessidade de engolir suspiros era um ritual para dar conta de alguma coisa. Ou de algumas coisas. Sobre as quais ela nunca me contou por meio da fala.

Eu me sentia muito feliz por poder, de repente, de surpresa assim, comer doces indiscriminadamente. E de compartilhar esse momento com minha mãe. Ajudá-la na feitura, alcançar pratos, colocar o leite condensado na cumбуca, levar até a sala, nas mãos, as duas canecas de achocolatado enquanto ela equilibrava a bandeja repleta de doçuras. Alguns suspiros grudavam uns nos outros durante a fornada, nós chamávamos esses de suspiros duplos, e sempre que eles apareciam, nós os redividíamos, cada uma puxava de um lado e comia sua metade, que era inteira.

Numa dessas noites, eu olhei para o suspiro que já ia levando até a boca e reparei que ele estava diferente. Estava reto por um lado, e não arredondado orgânico disforme, como todos os outros suspiros eram. Uma parte de seu contorno estava rígida e sem a camada lisa que encobre o interior poroso do suspiro. Então entendi: era um corte. Aquele havia sido um suspiro duplo, e minha mãe, ao invés de esperar por mim, partiu-o sozinha e deixou ali na vasilha, como se nada tivesse acontecido. Fiquei muito chateada. Quase não quis nunca mais viver esses momentos com minha mãe, porque não era justo que ela não contasse comigo na hora de repartir suspiros-duplos, e que uma de nós pudesse comer um suspiro-duplo inteiro sem nem perceber, e que a melhor parte do ritual – cada uma puxar por um lado e engolir sua parte ao mesmo tempo, o momento de encontro máximo do ritual – não existisse. Eu fui para o quarto sozinha antes de acabarmos os suspiros, pois fiquei muitíssimo triste e não podia mais compartilhar daquele momento. Deixei que ela engolisse tudo sozinha, isso que ainda faltava mais da metade dos suspiros feitos, mas ela conseguiu dar conta. Depois ela veio me pedir desculpas. Eu perdoei. Ainda me senti culpada, porque, no dia seguinte, minha mãe ficou horas no banheiro, passou muito mal, uma espinha gigante nasceu no contorno do nariz dela. Acho que comer tudo sozinha foi demais para ela. Um tempo depois, nos unimos novamente no ritual dos suspiros, e, dessa vez e em todas as próximas, minha mãe não insistiu mais na ideia de separar os suspiros-duplos sem mim.

Vivemos esse ritual toda minha infância e adolescência, o que me fez desenvolver um intenso paladar afetivo por suspiros. Eu amo suspiros. Esse ritual segue presente na minha vida, e, embora seja eu quem define quando ele acontece agora, ainda se trata de um acontecimento surpresa, pois não é do âmbito do planejamento, é uma decisão que chega pela atmosfera, um aviso, talvez a voz da minha mãe, desde lá onde ela está, sussurrando ‘noite de guloseimas’. Às vezes, encontro alguém com quem compartilhar esses momentos, mas nem sempre. Hoje engoli tudo sozinha, e foi até bom estar só, porque eu estava com muita gula. No entanto, agora eu sinto minha barriga inchada e cheia, e na minha boca um resíduo do gosto. Talvez eu não durma muito bem com tanto dentro de mim. Foi bom na hora, mas me sinto pesada agora.

Observando de cima, era uma pequena casa de madeira, localizada em um campo aberto, amplo, plano, a única construção humana na paisagem vasta. No céu remanesceu uma luz avermelhada do sol que acabara de se pôr, uma faixa laranja-vermelho bem no contorno do horizonte, por cima dela o azul escuro em degradê, esse azul que no topo já era preto. Da pequena casa também emanava uma luz, essa artificial, suave e amarelada, que escapava pelas poucas janelas. Tenho na memória essa visão ampla da cena, como se fosse uma imagem de drone, mas não entendo como... afinal, nesse cenário todo, eu estava deitada no terraço da pequena casa e olhava a imensidão, observava esse momento de revezamento entre a claridade e a escuridão no céu.

Ali, apreciando a vista, minha mãe estava comigo. Lá embaixo, dentro da casa, estava meu pai. Lembro de sentir-me completamente mergulhada em um bem-estar, olhando aquele visual com a certeza de que nada poderia ser mais bonito do que aquilo. Quando restava um último resquício da luz solar, minha mãe avisou que iria descer. Eu pedi que ela ficasse mais um pouco, que observasse a vista comigo até o final do crepúsculo, não acreditei que ela se permitiria perder o fim do show. Mas ela negou o convite, falou que estava ficando tarde, frio e muito escuro e que preferia descer. Então ela desceu e eu fiquei.

A partir do instante em que ela desapareceu escada abaixo, um certo desconforto me tomou. Era quase escuridão e estava muito bonita essa transição de luminosidades, mas será que eu deveria ficar ali sozinha? E quando a transição acabasse, como seria estar mergulhada no escuro?

Escureceu. O desconforto converteu-se em medo. Surgiram sons de cachorros, de macacos e de outros bichos que eu não reconhecia pelo ouvido. Desci as escadas, percebi movimentos no entorno, mas não conseguia enxergar. Eram os bichos por perto, com certeza, mesmo que não pudesse vê-los. Por uma pequena janela, enxerguei meus pais preparando algo no fogão. Os bichos por perto. Procurei a porta, queria entrar urgentemente, e não encontrei. Os bichos por perto. Voltas e voltas na casa, os bichos por perto, o medo, não havia porta. Voltas e voltas ao redor dessa pequena casa de madeira que devia ter vinte metros quadrados ou menos, não encontrei entrada. Voltas e voltas, os bichos por perto, o medo, encontrei uma porta, entrei por ela, mas não era um acesso para a casa e sim para um estábulo. Eu deitada no chão do estábulo, um cavalo guardado me guardando.





No meio da madrugada, meu sono foi interrompido por um enjoo. Borbulhas no estômago e gosto amargo subindo pelo esôfago e alcançando a garganta. Levantei-me, corri para a mesa da sala e coloquei um prato na minha frente. Suspiro por suspiro, fui colocando para fora todos os que havia engolido na noite anterior. Vinte suspiros sobre prato vermelho. Voltei a dormir.

De manhã, o travesseiro amanheceu enfeitado de ovinhos, aqueles que estavam em ninho sobre minha cabeça caíram dela para repousar sobre o travesseiro, e quando isso acontece significa que estão a ponto de rachar. Como de costume, eu resgatei o ninho do travesseiro e o acomodei em cima de um galho de uma árvore no quintal. O lençol sobre o qual dormi ganhou uma aquarela abstrata da cor vermelha, que seguirá em processo de construção por mais alguns dias, e que exala um aroma férreo no ar toda a vez que balanço as cobertas. Quando chegar a noite em que nenhuma camada nova de vermelho for adicionada ao lençol, a aquarela estará pronta, e eu trocarei a roupa de cama.

Já faz uns meses que adquiri o hábito de raspar a língua, e acho que os efeitos de um sistema imunológico melhorado já podem ser sentidos. A superfície da minha língua ficou mais macia, escorregadia; percebi isso quando uma palavra escorregou por ela. Primeiro eu disse: não. Depois: ruim. Eu disse: desgosto. Eu disse: prazer. Eu disse: assim. Antes de adotar esse hábito, acredito que as palavras acabavam se enganchando na camada áspera que recobria minha língua, ficavam presas ali, e isso me causava problemas que só reconheço agora. Eu nunca mais tive dor de garganta, por exemplo.



Antes da hora do almoço, peguei o prato coberto por suspiros que havia ficado em cima da mesa da sala, e saí de casa carregando-o comigo. Invadi o restaurante self-service, acomodei o prato de suspiros ao lado das sobremesas e me retirei.

Me vi no espelho, fiz um discurso na frente do espelho, dei uma aula para o espelho.

Procurei meu reflexo em outros lugares da casa. Pude ver minha imagem refletida numa faca, mas era só uma parte de mim. No fundo de panelas não pude me ver, pois só tenho panelas de barro e elas não refletem, embora digam muito mais sobre mim do que diria uma panela de inox espelhada.

Sontag, pensando sobre a fotografia, reparou que a diversidade de histórias transmitidas sobre um lugar ou povo está intimamente ligada ao seu poder econômico: se rico, há pluralidade, se pobre, há exploração da tragédia e deixa-se outras partes de lado. Chimamanda diz que as narrativas únicas, essas que são atribuídas aos países e povos menos poderosos, contribui para criação de estereótipos, o que limita e direciona identidades e influencia nas percepções de quem se é e de quem é o outro. Assim, na capacidade de modelar mentes construindo significados por meio da criação de imagens, ocorre o que, para Castells, é uma das principais formas de manutenção das relações de poder. Um compromisso descolonial feminista passa por aí: pluralizar o discurso, as imagens, tomar para si o direito de se apresentar.

Haraway convida a uma *escrita-ciborgue*, uma escrita que se apropria dos instrumentos através dos quais eu mulher fui marcada como *outra* e utiliza-os para marcar o mundo. Os instrumentos são as histórias, as novas, as que deslocam dualismos hierárquicos e identidades naturalizadas, e, assim, subvertem os mitos centrais da cultura ocidental.

Limpei o espelho que estava pendurado no meu quarto, mas percebi que o que me irritava era a moldura que o contornava, quebrei-o em mil pedaços.

Entre fragmentos e identidades impostas, procuro algo a me agarrar.

E agora não procuro meu reflexo, mas olho diretamente para o meu corpo, inteiro táctil quente. Resgato um caco do espelho quebrado e risco carros pela rua.

Início de tarde em Pedra

A Mulher Que Chora virou professora de natação. De maiô, como sempre, atravessou a cidade mais uma manhã para chegar à escola onde trabalha. Seu trajeto de ida deixou um rastro molhado no chão, e o sol forte do meio-dia quase o secou por completo, mas antes disso acontecer, a Mulher Que Chora repetiu o trajeto no sentido contrário, reforçando-o. O sol da tarde não é suficientemente forte para secá-lo até a manhã seguinte, quando ela tornará a fazer o caminho. A pista deixada pelas águas da Mulher Que Chora é um poema perdido no chão. Um poema perdido no chão é sempre um lembrete. É um furo no asfalto, uma passagem, uma porta. um poema no chão é um atravessamento explícito. Um poema no chão é como uma raiz quebrando o concreto.

Pedra é quase completamente cercada de montanhas, mas há uma estreita abertura natural entre elas que garante um acesso via planície. É como se o próprio relevo tivesse demarcado muito evidentemente o território, como se tivesse feito o muro e aberto uma porta. Talvez seja isso mesmo. A divisão imposta pela própria geografia também é caminho, ela não distancia, mas acentua diferenças, alterna habitats, evidencia os acessos, as dificuldades, os trajetos e as (im)possibilidades. Uma decisão da terra me parece algo a ser respeitado. É claro que uma máquina e muitos homens são capazes de influenciar e redefinir a autodemarcação da terra, e o fazem, mas aqui em Pedra não foi necessária essa intervenção, já que a terra concedeu muro e passagem. Nessas montanhas que cercam Pedra, não foram construídas estradas, mas há trilhas, caminhos traçados por gente, para que se chegue a pé aos rios, às cachoeiras, aos mirantes. Aprendi ser importante que os caminhos traçados sejam sempre reforçados, que as pessoas passem por ele com frequência, senão a mata os come. A mata, facilmente, come caminhos.

Mesmo na rua asfaltada onde eu caminhava, nesse início de tarde, bem no centro do centro, eu podia enxergar as montanhas. Nenhum prédio é grande o suficiente para escondê-las da visão. Apesar de vê-las, nem o aroma nem os sons da mata chegavam ali, naquele horário pós-almoço. Meu nariz estava invadido pelo cheiro de comida que ainda pairava no ar, e nos meus ouvidos chegavam vários barulhos de obra, de conversas, de carros e de torneiras abertas, até que um me chamou mais atenção. Um som que se repetia, um atrito incessante vinha de dentro de uma casa, cuja janela aberta me permitiu unir visão à audição, ali estava a cena que reproduzia tal som.

Uma mulher esfregava, com afinco, uma panela que já estava há três dias de molho com sabão. Ela deixou o arroz queimar nessa panela e seu fundo ficou preto, mas a mulher estava determinada a salvar tal panela. Esfrega esfrega esfrega. Ao som do atrito entre esponja e alumínio, uniu-se a respiração ofegante dessa mulher decidida. O braço e o ombro direito se cansaram, portanto ela tentou fazer com o lado esquerdo do corpo, que não foi forte o suficiente, então logo ela retomou com o direito. Esfrega esfrega esfrega. Toda a louça do almoço recém consumido já estava limpa, só faltava dar jeito nessa panela que estava no processo de limpeza há dias. Esfrega esfrega esfrega. A filha da mulher brincava de boneca aos pés da mãe, esfrega esfrega esfrega. Quando ela conseguiu mirar um pouco do fundo, isso a incentivou ainda mais, estava dando certo. Mais fundo e mais forte, num movimento constante e contínuo, esfregava a panela obstinadamente, como quem estava quase alcançando um orgasmo e já nem sentia o corpo cansar do movimento repetitivo porque estava quase lá. Bons

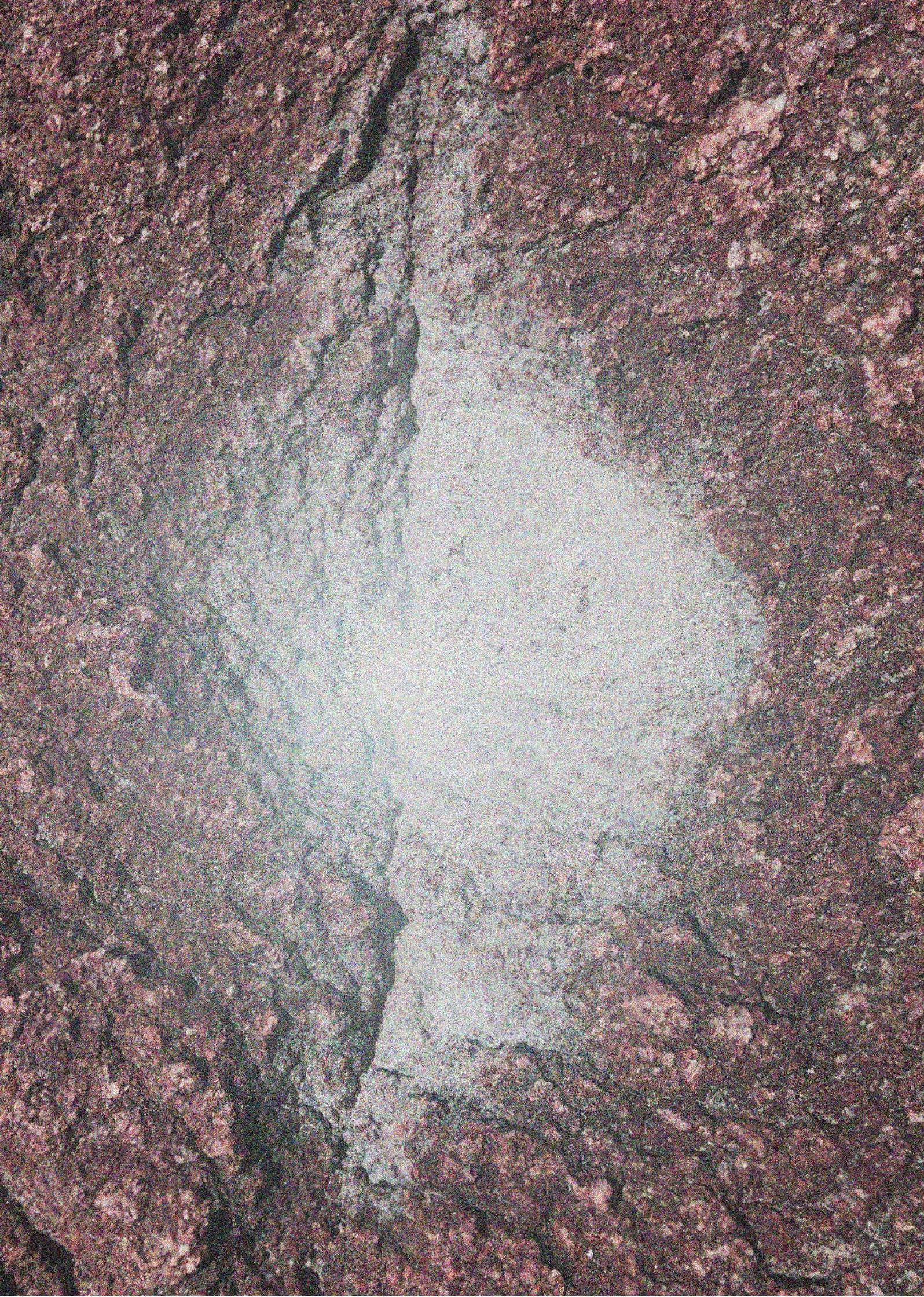
minutos depois, pronto, a panela finalmente limpa, sem resquício de queimadura no seu fundo. O alumínio, brilhando e refletindo, tornou-se um espelho; no fundo da panela, a mulher enxergava o próprio rosto, eufórico. A filha brincava ainda de boneca aos seus pés. Uma panela limpa é um lembrete, uma panela suja também. A filha ficou com sono e foi colocada para dormir, o marido na sala desligou a TV e foi para o quarto descansar também. A mulher, então, deitou-se no sofá e ligou a tv. Na sala da casa, as existências se revezam.

Apesar de não ter sido proposital, continuei minha caminhada seguindo o poema traçado pela Mulher Que Chora.

Uma senhora desceu as escadas da entrada de sua casa, carregando consigo uma pequena bolsa e sentou-se na grama do quintal. Começou a retirar objetos de dentro da tal bolsa.

Tesoura, papéis, canetas, pedaços de vidro quebrado, plantas secas, plantas vivas, uma cobertinha, bonecos, um travesseiro, fios de cabelo, agulhas de vários tamanhos, um chinelo sem par, uma camisa velha, pequenas massinhas com furos no meio, uma cumbuca, sementes de urucum de abóbora de girassol, feijões, fotografias, um tecido brilhoso, uma faca enferrujada e outras várias em bom estado, uma lista de compras, flores secas de camomila, um ramo de capim limão, alguns insetos, um pote tampado com um tecido poroso que serve de viveiro para dois escorpiões. Uma bandeira. Uma porção de coisas não entendíveis. Uma armadilha de rato que acabou pegando seu dedo ao retirá-la da bolsa. Pedrinhas roladas e brutas. Um crânio de cachorro. Fios completamente emaranhados. Um espelho. Cascas de alguma coisa que não está mais lá.

A senhora limpou objeto por objeto, primeiro assoprando para fazer voar o pó, e depois passando cuidadosamente uma flanela. Alguns objetos pareciam ter cantinhos muito estreitos e impossíveis de serem alcançados por um dedo envolto em flanela; para esses precisaria de uma ferramenta mais fina. Ela optou por deixar esses cantos estreitos empoeirados mesmo. Depois de limpar, da forma como era possível, cada um dos objetos, a mulher cheirava-os. Inspirava profundamente o aroma de cada um e, então, retornava-os à bolsa.



A rua asfaltada pela qual eu caminhava, afastando-me do centro, seguindo a rota da Mulher Que Chora, foi aos poucos dando lugar ao chão batido. Nessa altura, os sons percebidos pelos meus ouvidos não eram mais unicamente humanos. A língua falada, dos símbolos, das sílabas e junções estava quieta. Claro, ainda havia meu próprio pensamento, incessante, essas palavras flutuantes na cabeça, que nunca dão trégua. Mas não havia sons mecânicos, ao menos eu não os captava, todavia sentia no ar uma outra linguagem, a fala das montanhas. Sim, um morro fala, é evidente. Naquele momento, eu aprendi isso. Um som constante reverberava daquele amontoado de terra, pedra, água, planta, bicho. Um morro anuncia algo, diz “estou viva”. Sons são sempre lembretes. Já fiz algumas trilhas nesse morro. Numa das vezes, estava anoitecendo e não terminávamos o trajeto para a saída, eu estava um pouco cansada e andando devagar, mas quem me guiava disse para eu apressar o passo. Dentro da floresta, o que te enlouquecerá primeiro será o canto da cigarra.

Acho que me perdi no tempo observando a senhora que limpava objetos de dentro da bolsa, porque a luz solar já diminuía quando saí da frente do seu portão e ouvi o morro falar.

Quando passei em frente à escola, o céu já estava escuro. Num rápido olhar para o prédio da escola, avistei três seres moventes que paralisaram, poucos instantes depois de meus olhos captarem a presença deles. Antes de serem interrompidos por mim, um descia pela parede, o segundo caminhava no último degrau da escada e o último, apoiado em uma janela, parecia interessado em algo a sua frente, talvez um inseto.

Essa cena me trouxe imediatamente a lembrança da primeira vez que vi um lagarto naquela escola. Eu devia ter uns dez anos quando, brincando naquele jardim, mexi num vaso de planta e, de trás dele, o bichinho saiu correndo rumo a outras plantas, mergulhou nelas, sumiu de vista. A aparição inesperada do lagarto me assustou, dei um pulo para trás. Um homem adulto me falou que eu não precisava ter medo, afinal, o calango era muito menor do que eu e provavelmente tinha mais motivos para sentir medo de mim do que eu dele. Essa fala, agora sei, é uma tática dos adultos para que as crianças conquistem uma relação destemida com os animais, embora ainda distanciada, evitando, assim, possíveis conflitos entre espécies.

Eu nunca mais tinha pensado, antes dessa noite, sobre a presença ou ausência de calangos na escola. Agora que os avistei, imagino que provavelmente sejam um grande grupo habitando esse prédio. Na hora, cheguei a cogitar que um desses três lagartos poderia ser o mesmo que fugiu de mim anos atrás, mas acho que isso não faria muito sentido, não sei se vivem o tempo necessário para essa coincidência ser possível. Cogitei também que sejam esses de agora familiares daquele do passado, entretanto não sei como se dão as relações de parentesco no mundo dos lagartos. De qualquer forma, são bichos que somem durante o dia, escapam aos olhos humanos em lugares que são feitos para escapar às suas presenças. Um prédio escolar não é construído para aconchegar lagartos, mesmo assim eles habitam o local, sorrateiramente habitam. Como outros seres, é no escuro da noite que eles furam o espaço, impõem suas presenças, circulam. A existência ali se faz num revezamento, um revezar de apoderar-se e desapoderar-se.

Eu era a única a andar naquela rua à noite, mas apesar de destoante, acho que minha presença não foi notada pelos moradores das casas ao redor. Não seria totalmente descabido eu acreditar que, de alguma forma, me camuflou nas paisagens e posso, inclusive, parecer algo não humano. Furo a escuridão da cidade como fazem calangos, mosquitos, ratos, cachorros sem dono, gatos fanfarrões. Furo essa escuridão como a fala da floresta, sem ser percebida, mas presente. Minha própria existência é também um lembrete. Mimetismo é a capacidade que alguns seres têm de agarrar características alheias para si, confundindo-se então, com esses outros seres. Dizem tratar-se essa é uma tática de sobrevivência; mas também é uma espontânea mistura com o mundo. Uma complementa a outra. A relação entre sobrevivência e mistura com o mundo já é mimética, uma está na outra; eu sinto que sim.

A Mulher Que Chora estava no banheiro de sua casa e se olhava no espelho. Suas lágrimas estavam mais abundantes que o comum, o maiô não estava apenas úmido como de costume, mas encharcado. Ela encarava seu reflexo, e era perceptível algum tipo de diálogo existente ali, mesmo que seus lábios não se movessem. Cada lágrima escorrida era uma palavra, uma mensagem, uma compreensão.



Ensinamentos da minha avó:

Falar com as plantas: dar bom dia, estimulá-las com palavras positivas, enfatizar suas qualidades e a forma como evoluem e crescem e se transformam. Perguntar como estão. Consolá-las quando estão adoecidas. Contar-lhes também coisas da vida, falar de si para elas, de modo a enraizar cumplicidade.

Olhar as plantas: encará-las com carinho e cuidado para que elas percebam nosso afeto.

Para cultivar um jardim vigoroso volumoso verdejante vivaz, segundo minha vó dizia, é necessário envolver-se com as plantas que nele crescem, fazê-las felizes em respeito ao que são e não ao que desejamos que elas venham a ser. A felicidade do jardineiro é a felicidade do jardim e vice-versa. As plantas só verdejam e prosperam e, sobretudo, se alegram se quem as maneja também se alegra na relação com elas. É uma questão de cooperação de alegrias.

Lembro desses ensinamentos todas as manhãs, quando, enquanto deixo o café passando, passeio pelo meu apartamento para observar e atender as necessidades de cada planta que vive comigo. Essa semana, a lembrança me veio em outro momento também, durante uma leitura.

Em *Escute as Feras*, Nastassja afirma: os evens sabem que a floresta do mundo ouve, vê e está a par de tudo.

Os evens, povo indígena do norte da Rússia habitante das florestas siberianas, e minha avó, mulher da fronteira do Brasil com a Argentina, cujos saberes sobre a vida não vem de instituições de ensino, mas sim de suas relações com o mundo compartilham um entendimento.

Stefano Mancuso, cientista da botânica e da neurobiologia, aponta para algumas habilidades de percepção no mundo vegetal. As plantas, mesmo que não possuam um órgão voltado só para isso, como o cérebro no reino animal, possuem capacidade de inteligência. Elas memorizam momentos e aprendem com suas experiências, moldando seus comportamentos a partir dessas aprendizagens. Além disso, no estudo das capacidades miméticas das plantas, capacidades essas surpreendentes e de complexidades nunca vistas no mundo animal, Mancuso e alguns outros cientistas apostam na hipótese de que as plantas desempenhem também o sentido da visão. Eles supõem que através das células da epiderme, convexas como lentes, as plantas percebam as imagens.

Eu, enquanto alguém (terrabichogente) que não domina teorias científicas acerca da vida vegetal, mas que aposta sempre nas hipóteses potencialmente poéticas, posso dizer que aposto nessa teoria também. E que, além disso, essas capacidades relatadas por Mancuso parecem fazer interlocução com os ensinamentos que recebi de minha avó e com a forma que os evens percebem (e são percebidos por) mundo.

Sem experimentos, sem cálculos, sem anotações, sem domínio, mas em estado de magia com o a vida, minha avó e os evens já entenderam muita coisa. Em suas hipóteses eu também aposto e confio.

Minha avó, na certeza que conversava com as plantas, cultivava a floresta de quintal mais bonita que já vi.





Latour diz

“Uma alteração da relação com o mundo”: essa é a expressão científica para designar a loucura.

Então, é algo a se honrar, pois me parece que relacionar-se com o mundo de outra maneira é o convite que o tempo nos faz. O tempo, o mistério: deusa, biosfera, terra, fúria. Como descreve Stengers: Gaia, uma intrusa. Ela treme em coreografia justamente na maleabilidade que é existir, se manifestando de forma surpreendente na malha mundana e desmoronando presunções modernas, e, por isso mesmo, nos enlouquecendo. Para dançar com Gaia, requer-se trair os ideais da modernidade e tocar com pés descalços no emaranhado de temporalidades, prestando atenção ao futuro, como herdeiro dos nossos passos, e ao passado, como tempo a ser recontado.

Sim, Gaia nos convoca à loucura e, se isso significa alterar a relação com o mundo, então trata-se de uma convocação a agir de forma inventiva, a conhecer outras possibilidades de sentir e fazer vida. A mim, essa ideia soa como um convite atraente, aceitá-lo é um ponto de partida. Para Latour, esse aceite passa por cuidar dessa loucura não como quem quer tratá-la, mas como quem sabe que sobreviver depende de aprender a conviver com ela. Honrar a loucura. Manejar, cultivar, compor. Ele diz

*Não existe cura para o pertencimento ao mundo. Mas, pelo **cuidado**, é possível se curar da crença de que não se pertence ao mundo.*

O cuidado, bem sabem as mulheres, é uma tarefa cotidiana e contínua, nunca imediatista, por isso assumir a loucura no tempo do cuidado, como sugere Latour, muito provavelmente nos levará a outra maneira de sentir o tempo, no qual a ideia de progresso se inverterá, e evoluir se tornará retroceder.

Loucura e cuidado são palavras que me são íntimas. Sou uma mulher.

E aqui eu desejo algo: compartilhar de minha loucura e de meu cuidado. Tarefas tão injustas quanto impossíveis de serem realizadas por menos pessoas do que se pode contar. Se Gaia convoca à loucura, ao cuidado e, conseqüentemente, a uma nova percepção de tempo e de mundo, é necessário estarem aqui também os inventores da razão e do progresso. Talvez eles tenham abdicado da tarefa de cuidar justamente porque ela é contrária aos seus ideais. No entanto, conheço a maleabilidade da existência, e um poema me faz imaginar:

*colocar nas mãos dos homens
recém-nascidos, hortas
carrinhos de feira
novelos, dedais
colocar em suas mãos o detergente
os animais
domésticos já envelhecidos
as listas de compras e de pequenos reparos
botões faltantes e roupas vincadas
geladeiras por descongelar
sobretudo os recém-nascidos em suas mãos
mas também cada um de seus filhos com todas as suas fomes
que nunca tiverem que aplacar*

*colocar nas mãos dos homens outras mãos
de homens
até ouvir
despencar
as chaves, as armas, os livros
das leis*

de Priscilla Menezes



Eu estava sentada na varanda quando levei a mão direita à cabeça para coçar o couro cabeludo. Minhas unhas cravaram em relevos incomuns, eram pequenos montinhos com consistência de areia da praia molhada, deles brotava a coceira que atraiu meus dedos. Coçá-los arrancou-os do meu couro cabeludo e deixou, em seus lugares, pequeninos buracos. Quando olhei para minhas unhas, vi essa matéria embaixo delas, e concluí que era caspa, mesmo achando esquisita a consistência. Em seguida, senti coceira novamente. Levando as mãos à cabeça, percebi que novos montinhos areentos haviam se formado nos mesmos pontos de onde os arranquei. Cocei, removendo-os dali novamente. E de novo. E de novo. E de novo. Esse processo se repetiu inúmeras vezes. Em alguns momentos, eu cravava a unha com tanta raiva, querendo arrancar aquilo que se grudava à pele da minha cabeça, mas que não devia estar ali, que chegava até a sangrar. Depois de um período talvez bem longo - mas que não sei como quantifica-lo em horas, dias, meses ou anos -, os montinhos que seguiam se refazendo, enrijeceram-se até perderem o caráter areento. Assim, eu não conseguia mais arrancá-los e pedi que um amigo olhasse minha cabeça, para que ele visse e me explicasse o que acontecia ali. Quando ele, com as mãos, abriu caminho entre meus cabelos para observar, saltou para trás. Pequenas cabeças de lagarto despontavam do meu couro cabeludo.

A roupa de cama amanheceu sem novas camadas de aquarela vermelha, então eu podia trocá-la, a arte estava pronta. O lençol de baixo recolhido eu não lavei, preguei-o no chassi, que já o aguardava, e pendurei na parede, ao lado das outras obras vermelhas e abstratas que já estão há mais tempo na sala. Pensei que, assim como o meu vidrinho de resíduos da língua, essa parede repleta de pinturas feitas pelo que meu corpo expulsa, também é uma saudação ao que, em mim, morre e deixa vida, ao que em mim se refaz. Uma resignificação do que foi. Algo de belo nisso.

Por falar no vidrinho de resíduos, preciso confessar: talvez o ato de raspar a língua tenha se tornado uma obsessão. A maciez que minha língua ganhou com a prática de raspá-la pela manhã me satisfaz tanto, que me deu vontade que ela fosse mais macia ainda, que fosse resvaladiça por completo. Então, passei a raspar não só a superfície, mas as laterais e a parte de baixo. E não apenas ampliei as zonas de raspagem, como também ampliei o número de vezes em que costumava fazê-la. Sim, o ritual, antes matinal, converteu-se em um hábito sem hora ou lugar para acontecer. E eu tenho esfregado minha língua em quinas de portas e de móveis. Qualquer objeto que possa servir como ferramenta de raspagem de língua me dá ganas de usá-lo para esse fim. Livros, estiletes, copos, facas, molduras, cadeiras, qualquer coisa. Dependendo do contexto, realizo essa vontade. Às vezes, durante uma conversa, eu raspo minha língua nos meus próprios dentes, enquanto escuto e espero minha vez de falar.

Dos ovinhos acomodados na árvore, pequeninos filhotes de pássaro nasceram. Diariamente vasculho terra e frutos e restos de comida em busca larvinhas de insetos para alimentá-los. Hoje cedo, eu estava sentada em minha cadeira da varanda tomando um café, quando observei uma pássara grandona chegar no ninho, ela estava com o bico recheado de alimentos e entregou tudo aos filhotes. Ficou ali um tempo. Eu e ela nos encaramos com intimidade, somos conhecidas de longa data.

Um cheiro de fumaça invadiu minhas narinas e me convidou a ir verificar do que se tratava. Eis que a duas quadras de distância da minha casa, uma fogueira crepitava no jardim da vizinha. Ela jogava água no fogo, mas ele não se apagava. Na verdade, logo percebi, ela regava-o, como quem maneja, como quem jardina, para que a chama não se alastrasse, mas permanecesse acesa. A vizinha cultiva uma fogueira.



Uma construção interessante realizada em Pedra: nos pés de uma montanha fincaram uma porta de madeira, bem na entrada da trilha que leva às cachoeiras. A porta, fincada no relevo do solo, está inclinada para a frente de quem vai entrar na mata, de modo que, ao espiar pela fechadura, vê-se pedaço de céu e de copas de árvores, pássaros voando, um horizonte. Como a porta está inclinada assim, requer uma certa força para abri-la, e isso torna mais demorada a entrada, dando o tempo necessário para a mata saber que chegou visita. A porta é um lembrete, e, diferente das cercas, essa porta passível de abertura não é uma separação, mas uma nota de encontro. A porta se parece mais com costuras douradas feitas por mãos desconhecidas, do que com uma divisória de espaços.

Domingo, 12h.

Uma jovem estava sentada no banco da praça, agarrada a uma grande bolsa de palha em seu colo. Seus cabelos escuros e volumosos não me deixavam ver o perfil de seu rosto. Ela se levantou do banco, carregando a bolsa, e iniciou uma lenta caminhada. A cada passo, a jovem metia a mão na bolsa, retirava uma ou mais pedras, e jogava no chão. Dessa forma, deixou um rastro desde o banco onde se sentara até o portão de saída da praça, quando, aparentemente, as pedras dentro da bolsa acabaram. Dali, seguiu caminhando e adentrou a feira, onde todo o domingo ofertam-se legumes, verduras, frutas, ovos, peixes e galinhas. Ela comprou alho-poró, brócolis, cebolinha, salsinha, abóbora, tomates, cebolas, gengibre, cenoura, beterraba, coentro, mandioca, milho, batata, chuchu, alho, maçã, mamão, banana, caqui, limão, abacaxi, abacate, melancia. Com a bolsa recheada de alimentos, seguiu a caminhada dobrando à esquerda numa rua que atravessava a feira; depois dobrou mais uma vez à esquerda e, então, à direita, na ruela onde encontrou o portão de casa, cumprimentou um vizinho e entrou. Era hora do almoço, e logo o perfume da sua cozinha se somou, no ar da rua, aos aromas das outras cozinhas.

Nessa ruela onde a jovem mulher encontrou sua casa, uma senhora limpava o concreto da via obstinadamente, e o que ela arrancava de lá era uma gosma que o chão de Pedra regurgita há um tempo. Esse é outro dos fenômenos curiosos dessa cidade.

Começou uns anos atrás, quando saiu no jornal a primeira notícia sobre o assunto. Na ocasião inaugural, o tal material esquisito apareceu bem em frente ao sinal da avenida central, e a reportagem o descreveu como uma inexplicável matéria-vermelha-viscosa-que-lembrava-tripas expelida pelo chão, brotando por uma rachadura no concreto. Quando eu vi a fotografia do fenômeno, pensei que sua aparência remetia também ao aborto espontâneo que vivi no meu corpo, quando um pedaço de placenta enrolado e ensanguentado junto de muitos coágulos saiu das minhas entranhas, e eu achei que estava me desfazendo, mas era só um renascimento.

Primeiramente, ninguém limpou a avenida. Inclusive, isolaram a área com fitas amarelas de sinalização para que a polícia ambiental observasse e investigasse o que estava acontecendo. Não era perceptível um movimento na matéria que apontasse ela continuar brotando, mas de um dia para o outro sempre havia diferença notável no seu volume. A matéria vermelha languinhenta e pegajosa, paulatinamente, espalhava-se, fazendo um caminho cada vez maior pelo asfalto.

Dias depois dessa primeira aparição, prorropeu a mesma matéria através da rachadura da parede de um prédio. Molenga, dependurada, foi também se tornando cada vez maior, parecia um rabo em carne viva escapando para fora do prédio. Um dia ficou pesada demais e se quebrou no meio; metade da matéria caiu no chão e a outra continuou pendurada. A parte de cima ia crescendo e se partindo, e a do chão se acumulando, conforme o tempo passava e a parede a expelia.

Em pouco tempo, a matéria apareceu em outro ponto da estrada, e depois em outro e em outro, e em mais paredes, e depois nos pisos dentro das casas. Um dia, uma mulher acordou, levantou-se de sua cama, desceu as escadas e caminhou até a cozinha para preparar o café. Bem ali, no meio do cômodo, viu despontando uma gosma robusta vermelho escuro. Primeiro pensou que fosse um pedaço de carne, mas isso seria impossível, já que ela havia limpado tudo na noite anterior. Ela olhou mais de perto e reconheceu. O fenômeno que já era visto nas ruas chegou à casa dela também. E cresceu e se avolumou no chão da sua cozinha.

Tomou a cidade. Por todos os lados tornou-se possível ver essa gelatina viscosa brotando. Apesar de nunca ter sido explicada, a presença desse fenômeno tornou-se tão habitual e, por isso, inofensiva, que, vencido o susto, passaram a cortar a matéria com faca e jogá-la no lixo, limpavam todos os chãos e as paredes onde havia marcas desse corpo desconhecido. Dentro das casas, além de limpar o máximo possível, também colocaram tapetes por cima, escondendo quaisquer pequenos vestígios restantes. Acontece que essa matéria não cessa, então passar a faca, limpar as manchas e jogar no lixo é um trabalho diário que, hoje em dia, faz parte da rotina dos moradores de Pedra, trabalho que essa senhora fazia entre a manhã e a tarde de domingo, naquela ruela perto da feira, e com cheiro de almoço.

A loja de molduras estava fechada, como em todo domingo, mesmo assim era possível ver o interior dela através da vitrine. Apoiados nas paredes, quadros, espelhos e um mostruário com inúmeros tipos de moldura, das mais diversas cores e materiais. No fundo da loja, havia um grande espelho, ainda não emoldurado. De lá uma mulher me retornou o olhar, uma mulher inteira me fincou os olhos. Eu quase não acreditei, era uma mulher inteira. Eu quase não acreditei, seu olhar se direcionava a mim.

À noite, eu me aproximava de casa quando percebi que a vizinha cultivadora de fogueira deixou a chama aumentar de tamanho. Sua silhueta dançava na contraluz do fogo.

Nos dias que se seguiram a esse domingo, outras vizinhas passaram a cultivar fogueiras também. A cidade ganhou perfume de fumaça.

Às vezes brinco com meu corpo; rochoso. Deitada, apoio a pele do rosto no chão, fecho os olhos, finjo que sou chão, me sinto chão. E aí vou aos poucos me estendendo, crescendo, me levantando, mudando da horizontalidade para a verticalidade. Quando estou finalmente de pé, sobre duas pernas, ainda sinto que estou no último desintegrar do chão. Ainda sou um pedaço dele, mas agora um pedaço independente. Tremendo, ganho vida. Como uma monstra. Caras e bocas. Performance solitária, performance brincadeira. Não sou mais um pedaço, sou inteira. E aí ganho a casa, caminho sobre o chão que não sou mais eu, mergulho na banheira e viro lamaçal. Faço a água tremer. Me acumulo encolhida no cantinho esquerdo da banheira fingindo que sou pedra numa baía. Deixo-me cair e tremo tudo de novo.



Karina Buhr tem razão quando canta *eu sou um monstro*.

no dicionário está escrito que monstruosidade é a qualidade daquilo que é contrário à natureza, e, logo em seguida, também está escrito que, figuradamente, monstruosidade é um comportamento que fere os princípios da razão. Achei contraditório, por isso faz sentido. Karina é um monstro. Não, uma monstra. Mesmo nas contradições, ambas as definições sugeridas no dicionário serviriam para descrever uma mulher:

essa existência que escorrega entre humanidade e animalidade, e por isso fere a razão. essa existência que teima em desviar da norma de um feminino naturalizado, então contraria a “natureza”. A maioria das mulheres que eu conheço são mesmo monstras.

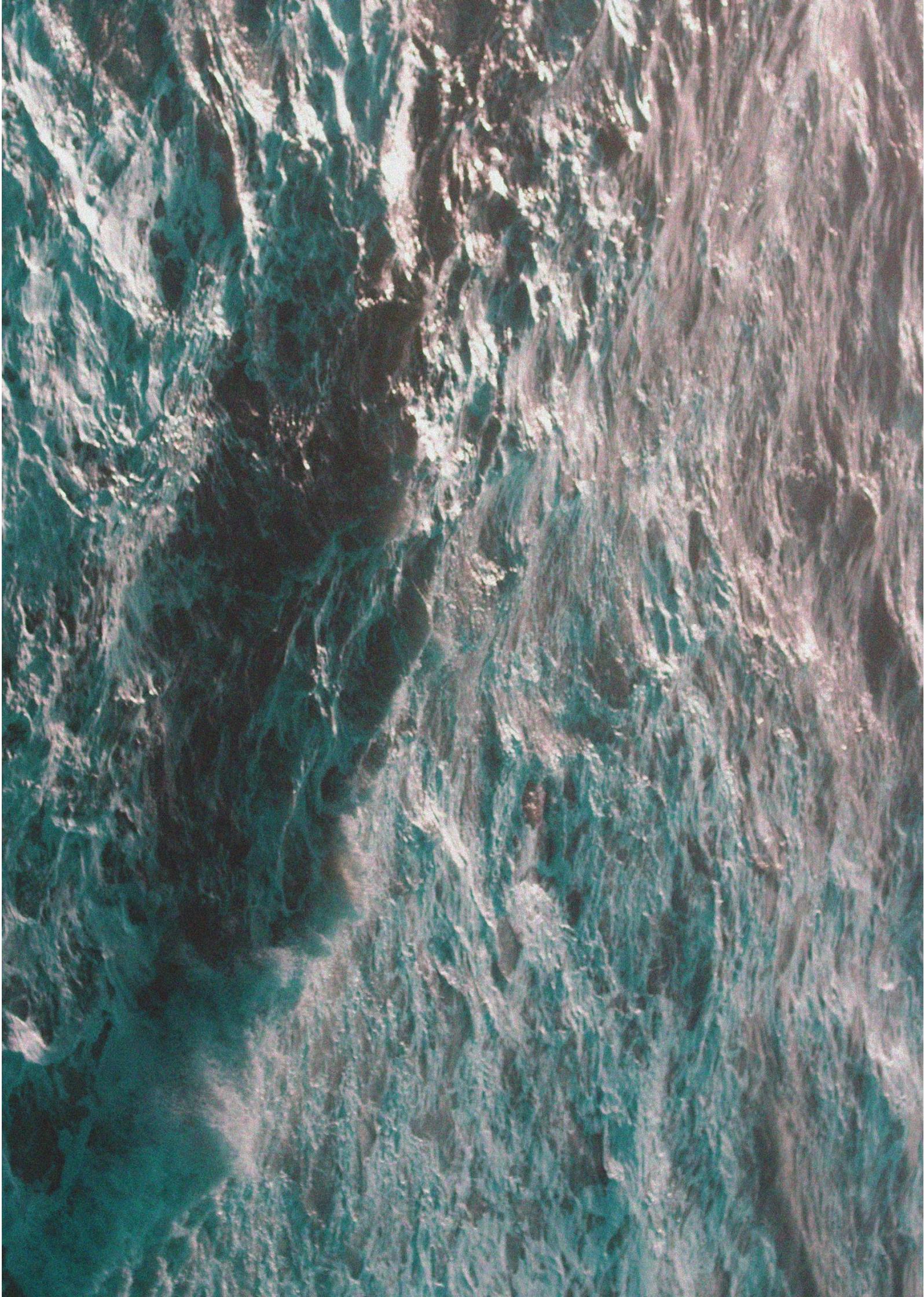
Uma mulher/monstra é sempre um lembrete que lampeja anunciando a contradição e a improbabilidade de um mundo dual natureza-cultura, mulher-homem, animal-humano. A monstra é múltipla, não se resolve em unificação, ela transita entre as categorias criadas e atormenta os puristas da modernidade, assim como faz Gaia, a intrusa: nosso agora.

Há quem chame de Antropoceno o tempo em que vivemos, definido por “A Era do Humano” por uma edição de 2015 da revista *Nature*. Um equívoco. Latour sugere que “a era do desaparecimento humano” melhor descreveria o período. A figura de um homem branco metamorfoseando-se em céu, pedras, prédios, plantas, água, fogo, bichos e máquinas ilustra a capa dessa revista. Tanto o título quanto a capa parecem interpretar a ideia de Antropoceno como uma simples superposição, ou até mesmo reconciliação, entre natureza e humanidade. Esse entendimento simplista, para Latour, é fruto da também simplista concepção bipartida de Natureza / Cultura.

Faz mesmo sentido essa interpretação equivocada dos tempos estar ilustrada num corpo “masculino”. Ouvi dizer que a ciência recebe melhor a ideia de Antropoceno do que de Gaia, deve ser porque a primeira se ajusta mais facilmente nas concepções modernas, em que o humano-modelo ainda é um corpo-homem, e natureza e humanidade, mesmo acopladas, continuam sendo blocos separados. Assim, ciência segue segura como dona do mundo. Eu prefiro Gaia, essa monstra que atravessa e borra as fronteiras categóricas e desarma convicções científicas. Se o Antropoceno está na figura de um homem, Gaia vem mulher, furiosa.

Como diz Maria Mies, a associação desvalorizadora entre os animais, as mulheres e a natureza, construída pelo patriarcado colonial, foi e é base para a imposição e manutenção de um modo de vida extrativista, apoiado em relações hierárquicas. Stengers diz que o agora é herança das ações passadas. Sendo assim, imagino Gaia como uma incorporação desses vínculos impostos, porém firmados em aliança consciente: uma força terrabichogente que toma corpo, se enfurece e põe em xeque o modo de vida humano-branco-masculino.

Gaia é feminina porque encarna em força maior toda a contradição que uma existência mulher já provoca, contradizendo “razão” e “natureza”. Aqui, como as monstras que somos, Karina, eu e todas as mulheres que conheço nos reunimos e contestamos. Com Gaia, exigimos: recontem as histórias, remontem a história, devolvam-nos os mundos destruídos ou não restarão nem os nossos, nem o de vocês.



Vejo esse homem, quase que diariamente, há tanto tempo, que nem tinha percebido o quanto ele envelhecera. Ali, numa das esquinas da avenida central, sentado ao lado de sua banquinha, sua cara já não é mais a mesma de anos atrás. O passar do tempo muda os corpos lenta e gradualmente, de modo que é difícil a percepção desse envelhecimento quando se vê todos os dias aquele que envelhece, o olhar acompanha essa transformação. Ontem à tarde, dediquei-me a olhá-lo com atenção. Sua pele muito flácida e enrugada sente a gravidade, a boca caída deixa só os dentes de baixo a mostra quando o homem fala ou sorri. Tem manchas escuras por toda a sua pele clara, alguns roxos bem fortes, deve ser porque os velhinhos formam hematomas facilmente.

Sua banquinha é muito similar àquelas de pipoca ou churros, mas o que ele vende são palavras. Palavras são quitutes-mistério, cada uma tem um sabor e não se pode escolher previamente. O cliente primeiro compra e depois prova e descobre. Umas mais doces outras mais amargas; umas fáceis de engolir, outras meio ásperas; tem as salgadas, que matam aquela fome da tarde; tem umas quase sem gosto; tem de tudo. Às vezes, um cliente já habitual volta ali e torce para que o sabor seja de tal ou tal jeito, e o acaso, eventualmente, atende à torcida, contudo, na maioria das vezes, não. A graça da coisa é a surpresa. A maior parte das pessoas, mesmo quando não gosta, gosta, porque comprou.

Há uns dois anos, uma mulher, frequentemente, visita o vendedor de palavras e grita enlouquecidamente, chamando-o de ladrão, criminoso, acusando-o de estar vendendo produtos de roubo de carga. Todos os viventes da cidade já presenciaram, em alguma tarde, esse show. Frente às acusações, o vendedor, primeiramente, a chamava de doida varrida, mas com o passar do tempo parou de responder a qualquer ofensa, pois percebeu que não tinha a necessidade de investir sua energia em se defender de algo que não lhe causava danos. Afinal, quem acreditaria nessa mulher? Quem acreditaria em alguém que aparece do nada, sem prova alguma, acusando de criminoso um homem que todos já conhecem há muito mais tempo? O relato que ela traz também não é nada incontestável, a mulher alega que ele faz roubo de carga, embora não haja ninguém mais vendendo palavras. De onde, então, ele teria tirado essa carga? Ela diz que as palavras são dela, que nunca conseguiu vendê-las porque toda vez que principia uma tentativa de vendê-las, o senhor a rouba. O vendedor diz que as palavras são receitas dele, exclusivamente. E ninguém faz igual. E seus produtos são todos únicos.

À noite, ambos caminham juntos até a casa que compartilham, onde dormem juntos, fazem a ceia juntos, onde criam os filhos, onde assistem à televisão e fazem amor.

Sim, o vendedor envelheceu, eu também. Caminhando para casa no fim do dia de ontem, olhei para as minhas mãos, que carregavam o pacote de palavras comprado. Elas mostram que o tempo passa também para mim. Calos, relevos, uma cicatriz, rugas. Perguntei-me se haveria passado pela cabeça do vendedor a mesma coisa que pensei dele, olha o tempo passou, olha já seu corpo tem outra forma, sua cara, a gravidade, o tempo, o tempo. Esse tempo que não para de passar nunca, que vai esculpindo o mundo em traços microscópicos a cada dia, e só, às vezes, num lampejo de lucidez, lembramos dele. Bom, seria terrível estar sempre lembrando da passagem do tempo, e no corpo que também passa. Eu vi o vendedor envelhecer sem vê-lo envelhecer, e eu envelheço em frente a ele. Junto com ele?

Revistas de beleza ensinam mulheres jovens a hidratarem muito suas mãos, porque, se não o fizerem, as mãos denunciarão suas idades. E aparentemente, as mulheres não podem falar a idade depois que passaram dos vinte e cinco anos. Mulheres jovens para sempre. Eu não segui esse ensinamento. Será que quem olha para minhas mãos pensa “trinta!”? Curiosamente, as

mãos são a parte do meu corpo que eu menos gostava quando era adolescente – porque têm mais pelos do que o comum para meninas, e os dedos são curtos, e as unhas crescem se alargando -, e hoje, mesmo denunciadoras da minha idade, são talvez a parte de que eu mais gosto. Relevo penugens cicatriz unhas desregradas e, sim, rugas; o tempo, o tempo em minhas mãos. Não o tempo agarrado por elas, isso seria impossível, mas o tempo nelas. Acho bonito. Eu faria uma aliança com o tempo. As pazes com as condições da vida.

Guardei o pacote de palavras no armário da cozinha para comer antes de dormir. Porém esqueci. Agora são nove horas da manhã,

já constatei que os tapetes da minha casa também foram desfeitos pelo misterioso-inseto-notívago e que, assim, os buracos do piso foram descobertos.

Estou indo preparar meu café, cogitando se devo comer as palavras. São palavras de ontem, já não estão mais frescas, mas também não sei se dá para chamar de velhas. Como o tempo passa para as palavras, será que elas também criam rugas, ficam caídas e morrem? Bom dia, é sábado, está chuvoso.

O terreno baldio na quadra da escola está verdejante, vivo. Faz muitos dias que ele não passa dos nove metros e meio de altura, mas segue se avolumando por baixo. Pergunto a mim mesma se as plantas aprenderam que elas só podem se alongar até certa altura, para que não sejam ceifadas. O intervalo comum entre podas passou, e elas seguem ali, altas, embora mais baixas do que antes do último corte.

Elas só usavam roupas marrons. Eram cinco irmãs e as cinco possuíam a mesma anomalia: seus corpos expulsavam um suor cor de terra, um suor texturizado... parecia mesmo terra o que os poros de minha mãe e de minhas tias expeliam. Quando eu nasci, já esperavam que eu carregasse a mesma condição, mas para surpresa de todas, meu suor era, e ainda é, transparente, parece água pura. Diferente delas, que nasceram todas já anômalas, foi na adolescência que meu corpo começou a dar sinais de anormalidade.

Começou pelo joelho, um relevo inesperado despontou bem ali. Achei que era meu osso, mas os exames médicos revelaram algo de outra matéria, coisa desconhecida pela medicina, era mais ou menos como se uma cartilagem estivesse ganhando tamanho ali. Deitada, eu observava minhas pernas e a nova protuberância no joelho, nomeei-a de montanha. Uma prima pequena, que suava terra, pegava um monte de mini animaizinhos de plástico e fazia-os correr sobre minhas pernas, e subir minha montanha.

Em seguida, os relevos incomuns foram crescendo em outras partes do corpo, nas mãos, barriga, peito, nos pés, no rosto, nas pernas, nas orelhas, nas costas, nos ombros. Sinto que estão sempre se formando novas camadas em mim. A pele esticada ganha uma textura diferente da pele que ainda está no lugar “certo”, lembra a consistência do suor das minhas parentas. Sobre meus ombros foi onde as protuberâncias mais cresceram até então. Minha mãe e minhas tias eram conhecidas na cidade como as “sujas de terra”, ou só “sujas”. Para mim, inventaram apelidos na escola, chamavam-me de “lama seca”, “monstra”; depois de adulta, esses apelidos ganharam o prefixo “mulher”. Ninguém fala diretamente comigo assim, mas eu sei que dessa forma sou chamada porque já ouvi de longe, algumas vezes. Penso que poderiam ser mais criativos, que, cá com meus relevos, eu poderia ser identificada como continente, vale, serra, montanha.

Deve ser por conta dessas condições de anomalia que não tenho parentes homens. Dos ventres da minha família, até então, só nasceram filhas, mulheres bastardas, provindas do encontro de nossos óvulos com os espermatozoides de homens que passaram e ataçaram-se com nossas excentricidades... mulheres ~~“sujas de”~~ terra. Intrometidos, curiosos, eles têm sempre bundas muito brancas. Acontece que aqui em casa também somos curiosas e gostamos de devorar tudo o que vemos pela frente. Então, quando um curioso aparece, fazemos filhas com ele.

nenhum deles ficou. Como turistas vieram, experimentaram e foram embora. Melhor assim. Eles nem imaginam que ficamos com pedaços deles e criamos outras gentes a partir deles e vivemos e cuidamos desses pedaços; eles não cogitam que fica no mundo um pedaço que deixam.

Aconteceu;

minha língua está algo como macia, longa, elástica, pontuda, afiada. As palavras e carinhos deslizam facilmente por ela, mas uma manobra rápida pode fazê-la cortante. Às vezes, me olho no espelho e tenho certeza de que minha língua é o rabo de um bicho feroz.

A Mulher Que Chora abandonou o emprego de professora na escola de natação do centro. Ela construiu em seu jardim uma piscina preenchida de suas próprias lágrimas, e agora nessas águas as crianças todas mergulham para aprender a nadar. A Mulher Que Chora sonha em transformar Pedra numa cidade de nadadores e nadadoras sagazes.

Debaixo do calor intenso do sol de fevereiro nos trópicos, a enxada que fica no meu quintal esquentou e difundiu seu aroma de ferro pelo ar, tocando minhas narinas e, assim, chamando meu olhar. É com ela que eu reviro o chão quando necessito; ela estava apoiada em um espelho pendurado no muro. Do espelho, uma mulher inteira me olhou de volta. E isso não me surpreendeu. Uma mulher inteira.

Não é bem morrer. As palavras, no caso.

Desde o dia em que deixei as palavras para comer depois, e as esqueci, e elas deixaram de estar frescas, e então fiquei em dúvida se deveria comer ou não e acabei não comendo, convencida pela curiosidade sobre como o tempo agiria sobre elas; desde esse dia deixei as palavras guardadas em uma caixinha de acrílico dentro do armário.

Posso concluir agora;

elas envelhecem de um jeito diferente do senhor que as faz e as vende, ou das minhas mãos enrugadas. Numa habilidade de metamorfose impressionante, primeiro mudaram de tamanho, em seguida de cor. Ganharam brotoejas esverdeadas, passaram a soltar um pó no ar. Criaram cabelos, simulando a aparência de uma peruca. No mais belo dos estágios, as palavras se assemelharam a um pedacinho de mundo, como se fossem um recorte extraído do chão de uma floresta.

Pensei: cultivá-las ali nessa demonstração de passagem do tempo é como o cultivo das camadas expulsas pela minha língua e como o cultivo das aquarelas vermelhas pinceladas pelas minhas entranhas. Também é como o cultivo da fogueira realizado pela vizinha. E como o cultivo da piscina preenchida de lágrimas pela Mulher Que Chora. Uma saudação ao que morre e continua, ao que finda e ao que nasce do fim. Uma saudação ao infinito, à continuidade – a minha, as delas e a do mundo. Porque nos inserimos nele, e ele se insere em nós, numa inegável e assustadora reciprocidade e retroalimentação.

Um cartaz diz

O perigo salvará nossas vidas



REFERENCIAS

- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 1, 2000.
- ARIAS, André; MANNING, Erin. Proposições para um movimento menor. *Moringa - Artes do Espetáculo*, v. 10, n. 2, 15 dez. 2019.
- CASTELLS, Manuel. *Comunicación y poder*. Madrid: Cultura Libre, 2009.
- COCCIA, Emanuele. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.
- COTTON, Charlotte. *A Fotografia Como Arte Contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa : mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.
- FEDERICI, Silvia. *Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns*. São Paulo: Elefante, 2022
- GAARD, Greta. Rumo ao ecofeminismo queer. *Revista Estudos Feministas*, v. 19, 2011.
- HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, p. 7-41, 1995.
- HARAWAY, D.; KUNZRU, H. *Antropologia do ciborgue. As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras – Cachorros, pessoas e alteridade significativa..* Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.
- JAFFE, Noemi. *O que ela sussurra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KHEEL, Marti. A contribuição do ecofeminismo para a ética animal. In: ROSENDO, Daniela; et al. *Ecofeminismos fundamentos teóricos e práxis interseccionais*. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2019.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LANG, Miriam et al. Pensar a partir do feminismo: críticas e alternativas ao desenvolvimento. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (org). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia: Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- LE GUIN, Ursula K. *A teoria da bolsa da ficção*. São Paulo: n-1 edições, 2021.
- LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. São Paulo: Círculo de Livro S.A, 1994.

- MANCUSO, Stefano. *Revolução das Plantas*. São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- MARTIN, Nastassja. *Escute as feras*. São Paulo: Editora 34, 2021.
- MENEZES, Priscilla. *A fera ao meio*. São Paulo: Mocho Edições, 2021.
- MIES, M.; SHIVA, V. *Ecofeminismo*. Belo Horizonte: Editora Luas, 2021.
- MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, 2017.
- NGOZI ADICHIE, Chimamanda. *O perigo da história única*. 2009. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt>. Acesso em: 25 nov. 2021
- PRECIADO, Paul B. *Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- RIBEIRO, Sidarta. *O Oráculo da Noite: a História e a Ciência do Sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- STENGERS, Isabelle. *En Tiempos de Catástrofes: Cómo resistir a la barbárie que viene*. Barcelona: Ned Ediciones, 2017.
- STENGERS, Isabelle. *Reativar o animismo*. Tradução Jamille Pinheiro Dias. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2017.
- SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Instituto de Arte e Comunicação Social
Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes

Estefânia Young
o único lugar que existe

Dissertação de Mestrado, requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Estudos Contemporâneos das Artes, área de concentração em Estudos Contemporâneos das Artes do PPGCA-UFF.

(Apresentação realizada em 30 de setembro de 2022, através de videoconferência)

Orientador: Luiz Sérgio de Oliveira (PPGCA-UFF)

Comissão Examinadora:
Walmeri Ribeiro (PPGCA-UFF)
Priscilla Menezes de Faria (UNIRIO)

(todas as imagens incluídas na dissertação são de autoria de Estefânia Young e foram produzidas entre os anos de 2020 e 2022.)

Niterói, Rio de Janeiro
2022